

O BURGUEÊS FIDALGO

COMÉDIA-BAILADO

COMPOSTA EM CHAMBORD, PARA O DIVERTIMENTO DO REI,
NO MÊS DE OUTUBRO DE 1670, E REPRESENTADA EM
PÚBLICO, EM PARIS, PELA PRIMEIRA VEZ,
NO TEATRO DO PALAIS-ROYAL,
NO DIA 23 DE NOVEMBRO DO MESMO ANO DE 1670
PELA
COMPANHIA DO REI

NOTA

Os mortos eram depressa esquecidos na côrte do Grande Rei. Madame, que fôra o ornamento de tôdas as festas, e cuja ousada beleza o príncipe amou, segundo se diz, faleceu desgraçadamente no dia 30 de junho de 1670. No dia 21 de agôsto, sob as abóbadas de Saint-Denis, a grande voz de Bossuet evocara a noite fatal e arrancara nôvas lágrimas de todos os olbos. Mas em outubro, com a sua côrte jovem e inconstante, partia Luís XIV para o castelo de Chambord, à procura dos prazeres que, entre as cavalgadas de armas, os conquistadores gostam de desfrutar a caça e a dança, os torneios ou os bailados. No cenário faustoso sonhado por Francisco I, chamou êle os seus jograis e encomendou-lhes uma farsa à turca.

O turco estava na moda. Romances, comédias, tragédias tinham, às vêzes, por pano de fundo, um Oriente de fantasia. Ibrahim ou l'Illustre Bassa de Georges de Scudéry em 1641, e Le Récit Turquesque, bailado apresentado por Lulli em 1660, provam que os franceses, segundo uma tradição que lhes é cara, apreciavam o exotismo. Introduzira-se na côrte curioso personagem, o Cavaleiro d'Arvioux; de origem italiana, chamava-se simplesmente Arviou; regressava das Escalas do Levante onde permanecera doze anos, e com as suas narrativas pitorescas fêz rir

ao rei — moderadamente — é verdade, confessa em suas Mémoires, mas a favorita, Mme de Montespan, soltava “gargalhadas que se ouviam a duzentos passos”, pois o Cavaleiro a inteirava do modo pelo qual se casavam as damas turcas. A pedido de Sua Majestade, falava turco também, e não é absurdo imaginar que Luís XIV pensasse como o Sr. Jourdain: “É admirável!” Para divertir o Delfim, envergava D’Arvieux, complacente, os seus trajes turcos e árabes.

Estavam as coisas nesse pé quando, no dia 4 de agosto de 1669, desembarcou em Toulon, com um séquito de vinte pessoas, um enviado da Sublime Porta, Suleiman Aga. Era a época em que o Sultão buscava reatar as relações amistosas com o “imperador” de França. Apesar do seu título de Muta Ferraca, aliás obscuro para os franceses, era Suleiman Aga embaixador de pouca monta, antigo jardineiro do serralho, outrora encarregado de afastar, a pedradas, os indiscretos à passagem das sultanas; além disso, o mais orgulhoso dos filhos de Alá, cheio de desdém pelos cães injúis, e o homem menos adequado à diplomacia. Ouvira, sem descavalgar, o cumprimento dos almotacés de Marselha. A esse embaraçoso mensageiro decidiu-se aplicar rigorosamente a etiquêta da sua terra, a mesma que lá se impunha aos nossos embaixadores, e concertou-se uma espécie de mascarada oficial turca. Durante oito horas, mofo Suleiman na antecâmara, bebendo xícaras de café; em seguida, foi levado à presença do nosso falso vizir, o Sr. de Lionnes, escarapachado sobre um estrado recoberto de um sem-número de tapêtes, à guisa de sofá. Ofereceram-se sorvetes, de Joelho a Lionnes, em pé a Suleiman. A conversação, em que D’Arvieux serviu de intérprete, foi penosa; Suleiman só queria entregar em mãos a mensagem de seu amo a Luís XIV. Acabaram, finalmente, por aceder ao seu pedido e receberam-no em Saint-Germain. Tudo se fizera para deixá-lo embasbacado ante tanto esplendor e o rei ostentava os brilhantes da coroa “que pareciam cercá-lo de luz”. Suleiman, todavia, não se mostrou impressionado; portou-se com arrogância e descaro, quis que o rei se levantasse para receber a carta do Sultão, e como isso lhe fôsse recusado, retirou-se com sobrecebo. Teria dito, aos que lhe chamaram a atenção para os brilhantes do rei, que o cavalo de seu amo trazia maior número de pedras preciosas no arnés, nos dias de festa. Detiveram-no por algum tempo, a fim de ensiná-lo a portar-se, e, logo, o devolveram discretamente ao Oriente. E a vaidade ferida dos franceses consolou-se com um bailado e algumas canções.

Sempre indispensável, imaginou D’Arvieux uma cerimônia em que se mesclassem alguns traços de costumes orientais, atitudes grotescas de dervixes, turbantes colossais, e o jargão sabido falado em Tunes; e, além disso, transpôs à moda turca o cerimonial da recepção de um cavaleiro de Nossa Senhora do Carmelo, ordem militar da qual D’Arvieux fazia parte, e título de nobreza conferido por um ministro do culto. O que explica o interrogatório que sofre o Sr. Jourdain sobre a sua religião, os seus costumes, a sua nobreza. Os trajes, os gorros e os turbantes foram feitos sob a superintendência de D’Arvieux. Beauchamp ordenou as danças. Lulli compôs as árias, e Molière enxertou uma comédia no bailado. Foi na aldeia de Auteuil, na “linda casa” de Molière, que nasceu O Burguês Fidalgo. Representou-se a peça no dia 14 de outubro, na grande galeria de Chambord, perante a Côte. Fôra de dez dias o prazo concedido para a sua apresentação. E a peça custou 49 000 libras, soma considerável que dá idéia do fausto da representação. A maior parte do triunfo coube a Lulli, que, “tão excelente careteiro quanto excelente musicista”, representou a parte do Mufti. Grimarest aponta algumas reticências que, na estréia da peça, lhe teriam oposto os cortesãos e o rei, mas há nisso, sem dúvida, muita lenda. No dia 23 de novembro, com todos os seus intermédios de cantos e danças, foi levado no Palais-Royal o Burguês Fidalgo. Brilhante carreira se abria para o Sr. Jourdain, cujo nome, desde então, tornou-se ilustre em uma vintena de idiomas.

O Burguês Fidalgo não é uma comédia alegre, é uma comédia feliz. A partir de Les Fâcheux, os intermédios de bailados haviam dado muitas vezes às peças de Molière especial ligeireza. Hoje, porém, o Sr. Jourdain, enorme balão de bata indiana, cabeça envolta num turbante que lembra uma abóbora, voa majestosamente para o sétimo céu. Largaram-se tôdas as amarras, e os vivas da multidão o acompanham. Ele não tornará a descer do sonho magnífico. Com árias de minueto é-nos apresentado em todos os seus sucessivos ridículos, cercado de quantos o exploram, o mestre de dança, o mestre de música, o mestre de esgrima, o mestre de filosofia, o mestre alfaiate e seus sequazes; gordalhudo e gentil, quase tímido apesar de seu desembaraço, êle se expande e se aparelha de plumas sob os nossos olhos; bate com ar maravilhado às portas esplêndidas da distinção, do bom gosto, da ciência. Um rir profundo se lhe derrama pelos grossos beiços glutões. Há um momento em que tememos que a alegre caçoada de Nicole ou a chacota mais ácida da Sra. Jourdain possam abalar essa massa de contenta-

mento, cujo egoísmo nos velam a fantasia e a extravagância. Far-se-ia em pedaços, sob os rudes golpes da Sra. Jourdain, o primeiro sonho do Burguês, candidato às marquesas, se a mascarada turca não o atirasse de novo, num salto definitivo, à sua loucura. Graças ao bailado, não tem a comédia precisão alguma, em seu desfecho de volver à terra, e termina em plena convenção teatral, em direção ao empireu, muito longe do verossímil.

Nesse instante da sua vida, já em seu declínio, Molière parece ver os homens com espantosa bondade e com uma ironia sem veneno. Tendo renunciado a corrigi-los, limita-se a pintá-los e amá-los. Não há gente má em *O Burguês Fidalgo*. Tõda a sociedade conspira para satisfazer a vaidade do Burguês; ãle gosta de títulos; dão-lhe o mais belo que se possa imaginar, e a sociedade tem muita razão de tratar com essa bonomia quem lhe bate à porta com tanta candura honesta. E esquecem-se enão os dramas que a mania do Burguês, bilioso como o diabo, poderia suscitar na família. Dorante, refinado intrujão, legítimo ascendente dos cavalheiros de indústria do século XVIII, só nos escandaliza quando nos detemos a analisá-lo; não o desenhou Molière com tintas negras. Sem dissimular os erros dessa nobreza arruinada, revela-nos a sua elegância e o seu requinte. No que toca a Dorimène, jovem viúva atilada, a sua pureza deliberada insinua-se por entre as situações mais delicadas e ela seria capaz de persuadir-nos, com um cândido sorriso, de que todo aquêlê jógo é inocente. A Sra. Jourdain poderia parecer limitada na sua carência de ambição e um tanto egoísta em seu desejo de ter um genro que pudesse dominar, mas que simpática linguaruda e que esplêndido cão de guarda do seu lar! Cléonte, pela ingênua e altiva confissão de plebeísmo, destaca-se vantajosamente do grupo de jovens galãs convencionais. Quanto a Lucile, soube Molière mostrar que o enamorado "ama até os defeitos das pessoas que ama", e nisso se viu uma sobrevivência do tenaz amor que ligava o poeta a Armande.

Nesse otimismo humano não há sensaboria, não há cegueira. O milagre consiste em que, seguindo ãsse caminho que o afasta de todo e qualquer realismo, Molière atinge o verdadeiro. Nascido de uma mascarada, *O Burguês Fidalgo* é também comédia de costumes e comédia de caráter. Fazia muito tempo que sonhava Molière com a pintura dessa extravagância social que é o mal da partícula. O Arnolphe de *L'École des Femmes* fêz-se chamar pomposamente Sr. de la Souche; George Dandin virou Sr. de la Dandinière; Pourceaugnac faz soar o mais alto que pode o seu direito de não ser enforcado. Igualmente, em

torno de Molière, os ricos financistas, os mercadores abarrotados de ouro compravam cargos que enobreciam ou propriedades cujos títulos assumiam, e Thomas Dreux se convertia em Marquês de Dreux-Brézé; hábeis genealogistas encontravam, para quem lhes pagasse bem, uma prosápia de quatro costados, e juizes complacentes ratificavam as novas cartas d'esses nobres "reabilitados". Fugiam, assim, ao impôsto da talha, gozavam de franquias, imunidades, isenções, privilégios. Não se incomodava o poder real, e só interferia nas imposturas quando precisava de dinheiro. De uma feita, enforcou-se a um d'esses impostores. O que não bastou a descorçoar os outros, que eram movidos não pelo interêsse, mas por intensas satisfações de vaidade. Molière pode bater de rijo, como o faria um bufão do rei. Autoriza tais liberdades o tom burlesco da peça. Não sòmente apupa o burguês, mas também zomba das pretensões dos dançarinos, dos músicos, dos esgrimistas, dos pedantes, e, indo ainda mais longe, pinta o vício profundo de uma nobreza que se arroga o direito de ter uma moral de casta, moral em que o calote e o abuso de confiança parecem naturais em relação aos outros, desde que ãsses outros sejam plebeus.

Donde foi possível deduzir um Molière animado do espírito de classe; para uns, será "o primeiro poeta dos burgueses" (Goncourt) e anuncia as reivindicações de Fígaro contra os Al-mavivas; ao passo que a outros afigura-se duro em relação aos burgueses e toma o partido da nobreza (Sarcey). Indigna-se Rousseau de sermos obrigados a rir de um parvo homem de bem, e houve quem chegasse a ver na cerimônia do mamamuchi uma paródia da liturgia católica. Baste-nos, porém, ouvir Molière, que disse muito exatamente o que queria dizer, sem qualquer espírito de sistema. Viu em tõda parte homens semelhantes ao homem, isto é, nem de todo prêtos nem de todo brancos, enter-necedores e ridículos a um tempo. Descreveu-os movidos por ãsse amor admirável à vida que a ãle próprio sustentou ao longo do seu extenuante ofício. Em *O Burguês Fidalgo*, acaricia com madura paixão tõdas essas alegrias que são as belas fazendas, a riqueza dos trajés, a boa mesa, o encanto da música, o ritmo da dança, a graça de uma amante e a arte de dizer as letras do alfabeto. Flutua na peça uma sensualidade universal.

Entretanto, essa comédia-bailado está dividida entre dois gostos diferentes. Os espectadores levados pelo espírito devol-veriam de bom grado à loja de acessórios tõda a encenação imaginada em Chambord para o rei. A escada mirabolante que a *Comédie-Française* em 1951 ergueu no meio do salão creme e

ouro do Sr. Jourdain, a irreal decoração de bazar com tapêtes, enfeites e vasto turbante amarelo suspenso do teto que, mais ou menos na mesma ocasião, o Athénée impunha desde as primeiras cenas da peça, tôdas aquelas madeiras esculpidas e douradas, aquelas plumas e penduricalhos, aquêles veludos e aquelas sêdas, aquela insolência de luz, todo êsse aspecto de music-hall parece um sacrilégio. Molière, afirma-se, não precisa de tamanha ostentação para agradar. — Outros, que não temem que se lhes solicitem ao mesmo tempo os sentidos e a inteligência, sustentam que O Burguês Fidalgo deve ser levado segundo o espírito com que foi criado, e censuram igualmente a tendência que se manifestou no século XVII de apresentar o bailado à parte. (Foi até aventada a idéia de intercalá-lo em Psyché.) — Mas de que qualidade é o prazer visual que pode dar aos espectadores modernos uma encenação suntuosa de O Burguês Fidalgo? O teatro magnificante e o cinema corromperam-nos o gosto. Não tem forças Molière para lutar nesse terreno. Vencerá êle por certa força evocativa? Desgraçadamente, não; dessa comédia-bailado, obra-prima de mecânica burlesca e de representação concreta, não nascerá a poesia exótica, ao passo que um verso de Racine, impalpável, pronunciado diante de um cenário nu, arrastará mais inefavelmente para o Oriente misterioso. Mas aquêles a quem seduz O Burguês Fidalgo, reconstituído em seu fausto de antanho, não buscam viajar às Escalas do Levante; experimentam uma mudança de panorama suficiente quando, por trás do cerimonioso travestissement do Grande Século, discernem uma imagem descorada e verdadeira, e o tocante testemunho do modo como se divertiam os vaidosos e espirituosos cortesãos do Imperador de França quando tinham que suportar o desdém de um jardineiro de serralho. E então, diante da exagerada bufonaria da cena turca final, a gente recorda o pesar de Sainte-Beuve pela morte de Madame, a princesa a quem Molière dedicara L'École des Femmes: "Houve, talvez, depois dela, nessa côrte, maior esplendor e mais imponente grandeza, porém menos distinção e menos finura".

PERSONAGENS

O SR. JOURDAIN ¹, burguês.

A SRA. JOURDAIN ², sua mulher.

LUCILE ³, filha do Sr. Jourdain.

NICOLE ⁴, criada.

CLÉONTE, apaixonado de Lucile.

COVIELLE ⁵, criado de Cléonte.

DORANTE ⁶, conde, apaixonado de Dorimène.

DORIMÈNE ⁷, marquesa.

MESTRE DE MÚSICA.

Aluno do Mestre de Música.

MESTRE DE DANÇA.

MESTRE DE ESGRIMA.

MESTRE DE FILOSOFIA.

MESTRE ALFAIATE.

Aprendiz de Alfaiate.

Dois lacaios.

Vários cantores, cantoras, tocadores de instrumentos, dançarinos, cozinheiros, aprendizes de alfaiate, e outros personagens dos intermédios e do bailado.

Passa-se a cena em Paris.

(1) Papel desempenhado por Molière, cuja indumentária era a seguinte: "Roupão duplo de tafetá amarelo e verde, calções de pelúcia vermelha, camisola de pelúcia azul, gorro de dormir e touca, calções e charpa de pano pintado à indiana, túnica à turca e turbante, sabre, calções de brocado guamecidos também de fitas verdes e ama-

relas, ... chapéu guarnecido de plumas amarelas e verdes..." Nesta enumeração se reconhecem, sucessivamente, certos elementos do galante traje caseiro do I ato, da vestimenta turca e da roupa trazida pelo alfaiate. Habitados aos Srs. Jourdain esféricos e volumosos, no estilo de Raimu ou de Seigner, encontramos alguma dificuldade em imaginar Molière nesse papel. Magro, com a saúde então combalida, como poderia êle representar um burguês venturosamente afastado dos negócios depois de haver ajuntado pecúlio, e prestes a tomar longas e merecidas férias em um Eldorado de nobreza? O feitio lunar do personagem era, sem dúvida, simplesmente sublinhado pela agitação febril e desordenada do Sr. Jourdain.

(2) O papel da Sra. Jourdain foi interpretado pelo ator Hubert, inimitável nos papéis de velha.

(3) Papel representado pela Srta. Molière.

(4) Papel desempenhado pela Srta. Beauval, recém-recrutada, famosa pelos acessos irresistíveis de riso. Molière saberá tirar proveito dessa qualidade natural. Ela fará também o papel de Zerbinette em *Les Fourberies de Scapin*.

(5) Esse nome é tirado da comédia italiana. Covielo é o calabrês intrigante e astuto.

(6) Sempre risonho e bem apessoado, La Thorillièrre interpretará, sem dificuldade, a parte de Dorante.

(7) A faceira do *Mariage Forcé* também se chama Dorimène. Criou o papel a Srta. de Brie, e o seu temperamento lhano e meigo acomodava-se à personagem da viúva môça, que passa por intrigas assaz equívocas com ingenuidade, consciente ou não, sem manchar a alva plumagem.

ATO I

A abertura é realizada por um conjunto de instrumentos; e, no meio do teatro, vê-se um aluno do Mestre de música, que compõe sobre uma mesa uma ária encomendada pelo Burguês para uma serenata.

CENA I — MESTRE DE MÚSICA, MESTRE DE DANÇA,
três músicos, dois violinos, quatro dançarinos.

O MESTRE DE MÚSICA, *dirigindo-se aos seus Músicos*
Venham, entrem nesta sala, e descansem, enquanto êle não chega.

O MESTRE DE DANÇA, *dirigindo-se aos Dançarinos*
E vocês também, dêste lado.

O MESTRE DE MÚSICA, *ao Aluno*
Está pronta?

O ALUNO
Está.
O MESTRE DE MÚSICA
Vejamos... Está ótima.

O MESTRE DE DANÇA
É alguma novidade?

O MESTRE DE MÚSICA
Sim, é uma ária para serenata, que mandei compor aqui, enquanto esperamos que desperte o nosso homem.

O MESTRE DE DANÇA
Pode-se ver?

O MESTRE DE MÚSICA

Ouvi-la-á, com o diálogo ⁸, quando êle chegar. Agora não tarda.

O MESTRE DE DANÇA

As nossas ocupações, suas e minhas, não são poucas, hoje em dia.

O MESTRE DE MÚSICA

É verdade. Encontramos aqui um homem como nos convém a ambos; renda fácil nos proporciona o tal Sr. Jourdain, com as visões de nobreza e galantaria que meteu na cabeça; e bom seria para a sua dança e para a minha música que tôda a gente fôsse como êle.

O MESTRE DE DANÇA

Nem tanto assim; pois eu folgaria que êle entendesse um pouco mais do riscado.

O MESTRE DE MÚSICA

É certo que entende pouco, mas paga bem; e disso necessitam muito mais agora as nossas artes que de qualquer outra coisa.

O MESTRE DE DANÇA

Quanto a mim, confesso-o, também me alimento um pouco de glória; enternecem-me os aplausos; e sou de parecer que, em tôdas as belas artes, é um doloroso suplício exhibir-se a gente aos tolos, e submeter composições à barbária de um estúpido. Não queira negar que há prazer em trabalhar para pessoas capazes de sentir a delicadeza de uma arte, de acolher com agrado as belezas de uma obra, e de premiar-nos o trabalho com lisonjeiras aprovações. Sim, a recompensa mais agradável que se pode receber das coisas que se fazem, é vê-las conhecidas, é vê-las bafejadas por aplausos que nos honram. Nada há melhor do que isso, no meu entender, para pagar-nos de todos os trabalhos; e são deliciosos regalos os louvores esclarecidos.

O MESTRE DE MÚSICA

Estou de acôrdo, e, como o senhor, também os aprecio. Não há nada, por certo, que mais nos desvaneça do que os

(8) Termo de música: partes que se correspondem e não raro se reúnem (Littré).

aplausos de que fala. Mas não faz viver êsse incensar; puros louvores não alimentam ninguém: é mister acrescentar-lhes algo sólido; e a melhor maneira de louvar é louvar com as mãos ⁹. Trata-se, com efeito, de um homem de poucas luzes, que fala sem discernimento de tôdas as coisas, e só aplaude a contra-senso; mas o dinheiro lhe corrige os julgamentos do espírito; há discernimento na sua bôlsa; os seus aplausos são amoadados; e mais nos vale êsse burguez ignorante, como o senhor está vendo, que o grande fidalgo esclarecido que aqui nos trouxe ¹⁰.

O MESTRE DE DANÇA

Alguma verdade há no que diz; cuido, entretanto, que o senhor exagera um pouco a questão do dinheiro; e é coisa tão vil o interêsse, que o homem honesto nunca lhe deve demonstrar apêgo.

O MESTRE DE MÚSICA

E, no entanto, o senhor recebe muito bem o dinheiro que lhe dá o nosso homem.

O MESTRE DE DANÇA

Sem dúvida; mas não confio a êle tôda a minha felicidade, e bem quisera que, a par do dinheiro, tivesse êle também a faculdade de apreciar as coisas ¹¹.

O MESTRE DE MÚSICA

Também eu o quisera, e nisso trabalhamos ambos o quanto podemos. Mas, como quer que seja, êle nos proporciona os meios de nos tornarmos conhecidos; e pagará pelos outros o que os outros louvarão por êle.

(9) Isto é, pagando, como deve indicar o jôgo de cena do ator.

(10) Alusão a Dorante.

(11) Está visto que Molière faz zombaria da vaidade do mestre de dança, e talvez não lhe desagrade ironizar assim, sem maldade, o ambicioso e absorvente Lulli, que, na comédia-bailado do *Burguez Fidalgo*, tais e tantas fará que acabará abiscoitando a parte melhor do seu triunfo. Mas Molière, como de hábito, não carrega nas tintas. Tinham, na ocasião, os dançarinos altíssimas pretensões e falavam essa linguagem. Lê-se, nas *Considerations* do ato pelo qual fundou Luís XIV, em 1661, a Academia de Dança: "A arte da dança... uma das mais proporcionadas e necessárias à formação do corpo, e a dar-lhe as primeiras e mais naturais disposições a tôda casta de exercícios, entre os quais os das armas, e, por conseguinte, uma das mais úteis à nossa nobreza..."

O MESTRE DE DANÇA

Ei-lo que chega.

CENA II — O SR. JOURDAIN, *dois lacaios*, O MESTRE DE MÚSICA, O MESTRE DE DANÇA, *Violinos, músicos e dançarinos*.

O SR. JOURDAIN

E então, senhores? Como é? Não me mostrarão a patuscadazinha*?

O MESTRE DE DANÇA

Como? Que patuscadazinha?

O SR. JOURDAIN

O... a... como lhe chamam? O tal prólogo, ou diálogo, de canção e de dança.

O MESTRE DE DANÇA

Ah! ah!

O MESTRE DE MÚSICA

Como vê Vossa Excelência, estamos preparados.

O SR. JOURDAIN

Fi-los esperar um pouco, mas hoje queria que me vestissem como gente de trato; e o meu alfaiate mandou-me umas meias de sêda¹² que julguei não poder calçar.

O MESTRE DE MÚSICA

Estamos aqui às ordens de Vossa Excelência.

O SR. JOURDAIN

Não se vão, por favor, enquanto não me tiverem trazido a roupa, para que possam me ver.

(*) O Sr. Jourdain quer dizer divertimento (ou seja, de acôrdo com a definição que encontramos no Dicionário de Moraes, pequeno intermédio de música e dança, que se executa entre os atos das peças dramáticas) (N. do T.).

(12) A sêda é ainda muito rara e caríssima.

O MESTRE DE DANÇA

Como quiser Vossa Excelência.

O SR. JOURDAIN

Ver-me-ão vestido a rigor, dos pés à cabeça.

O MESTRE DE MÚSICA

Não duvidamos.

O SR. JOURDAIN

Mandei fazer esta indiana¹³.

O MESTRE DE DANÇA

É muito bonita.

O SR. JOURDAIN

Disse-me o meu alfaiate que as pessoas de trato andam assim pela manhã.

O MESTRE DE MÚSICA

Assenta-lhe maravilhosamente.

O SR. JOURDAIN

Lacaios! Olá, meus dois lacaios!

O PRIMEIRO LACAIO

Que deseja o meu senhor?

O SR. JOURDAIN

Nada. Eu só queria saber se me escutam direito. (Aos dois Mestres.) Que lhes parecem as minhas librés?

O MESTRE DE DANÇA

Magníficas.

O SR. JOURDAIN (*entrebria o roupão e mostra uns calções estreitos de veludo vermelho, e uma camisola de veludo verde, que traz no corpo*).

Esta é outra roupa caseira para os meus exercícios matinais.

O MESTRE DE MÚSICA

É galante.

(13) Ele enverga uma bata estampada, feita de indiana, fazenda tecida na Índia e que era então de muito luxo.

Lacaio! O SR. JOURDAIN
 Senhor. O PRIMEIRO LACAIO
 O outro lacaio! O SR. JOURDAIN
 Senhor. O SEGUNDO LACAIO
 O SR. JOURDAIN
 Segurem-me o roupão. Estou bem assim?

O MESTRE DE DANÇA
 Muito bem. Não se poderia estar melhor.

O SR. JOURDAIN
 Vamos, então, ao nosso negócio.

O MESTRE DE MÚSICA
 Eu quisera antes que Vossa Excelência ouvisse uma ária que êle acaba de compor para a serenata que me encomendou. É um dos meus alunos, que tem para êsse gênero de coisas um talento admirável.

O SR. JOURDAIN
 Sim; mas não deveria encarregar disso um aluno¹⁴, e o senhor mesmo não tinha competência bastante para o serviço.

O MESTRE DE MÚSICA
 Não se deixe iludir Vossa Excelência pela palavra aluno. Essa casta de alunos sabe tanto quanto os maiores mestres, e a ária é tão bonita como a que mais o seja. Ouça-a.

O SR. JOURDAIN
 Dêem-me o roupão para ouvir melhor... Um momento, creio que ficarei melhor sem roupão... Não; dêem-mo de nôvo, é preferível.

(14) O mestre de música emprega a palavra *aluno*, por afetação de modéstia, no sentido de discípulo. O Sr. Jourdain não dá pela nuança.

O MÚSICO, cantando
*Padeço noite e dia e soffro horrivelmente,
 Dês que a vós me prendeu a luz do vosso olhar;
 Se a quem vos ama assim tratais, Iris fulgente,
 Ao vosso desamor, como haveis de tratar¹⁵?*

O SR. JOURDAIN
 Essa canção soa-me um tanto lúgubre; dá sono, e eu gostaria de que os senhores ma pudessem alegrar um pouco.

O MESTRE DE MÚSICA
 Cumpre, Excelência, que a ária se acomode às palavras.

O SR. JOURDAIN
 Ensinaram-me uma, muito linda, não faz muito tempo. Esperem... A... como é que ela começa?

O MESTRE DE DANÇA
 Eu é que não sei.

O SR. JOURDAIN
 Há um carneiro no meio.

O MESTRE DE DANÇA
 Um carneiro?

O SR. JOURDAIN
 Sim. Ah!
 (O Sr. Jourdain canta.)

*Eu cria Joanhinba
 Tão meiga quão bela,
 Eu cria Joanhinba
 Como um carneirinho:*

Ai de mim! Ai de mim! Cem vêzes é ela,

(15) Canta-se esta copla preciosa com uma encantadora música de Lulli. O Sr. Jourdain oporá a Iris a cruel Joanhinba, o que nos traz à mente o conflito recentemente travado entre o Sonêto de Oronte e a Canção do Rei Henrique. Mas as fôrças aqui não são iguais; afunda-se Joanhinba no ridículo, pois, ao invés de ser simples, apela deploravelmente para a metáfora e Molière empresta-lhe a voz truenesca do Sr. Jourdain, a do Mascarille das *Preciosas Ridículas*, a do Moron de *La Princesse d'Élide*, e a do Sganarelle de *D. Juan*.

*Mil vêzes mais cruel
Que o tigre daninho*¹⁶.

Não é linda?

O MESTRE DE MÚSICA

Lindíssima.

O MESTRE DE DANÇA

E Vossa Excelência canta-a divinamente.

O SR. JOURDAIN

E sem ter aprendido música¹⁷.

O MESTRE DE MÚSICA

Pois deveria aprendê-la, Excelência, como aprende a dançar. São duas artes intimamente ligadas entre si.

O MESTRE DE DANÇA

E que abrem o espírito do homem às coisas belas.

O SR. JOURDAIN

As pessoas de trato também aprendem música?

O MESTRE DE MÚSICA

Aprendem, sim, senhor.

O SR. JOURDAIN

Nesse caso, vou aprendê-la. Mas não sei de que tempo poderei dispor, visto que, além do Mestre de esgrima, que já começou a ensinar-me, contratei também um Mestre de filosofia, que deve principiar hoje cedo.

O MESTRE DE MÚSICA

A filosofia não é de se atirar fora; mas a música, Excelência, a música...

O MESTRE DE DANÇA

A música e a dança... A música e a dança são o quanto basta.

(16) Paulin Paris encontrou mais três coplas dessa canção, a qual, portanto, não seria de Molière.

(17) Cf. Mascarille: "A gente de trato sabe tudo sem nunca ter aprendido nada". (*As Preciosas Rídiculas*, cena IX.)

O MESTRE DE MÚSICA

Nada há tão útil num Estado quanto a música¹⁸.

O MESTRE DE DANÇA

Nada há tão necessário ao homem quanto a dança.

O MESTRE DE MÚSICA

Sem a música, não subsiste o Estado.

O MESTRE DE DANÇA

Sem a dança, o homem não sabe fazer nada.

O MESTRE DE MÚSICA

Tôdas as desordens, tôdas as guerras, que se vêem no mundo só acontecem porque os povos não aprendem música.

O MESTRE DE DANÇA

Tôdas as desgraças dos homens, todos os funestos reveses que abundam nas histórias, os erros dos políticos, as falhas dos grandes capitães, tudo isso sucede a quem não sabe dançar.

O SR. JOURDAIN

Como assim?

O MESTRE DE MÚSICA

Não provém a guerra de uma falta de união entre os homens?

O SR. JOURDAIN

É verdade.

O MESTRE DE MÚSICA

Ora, se todos os homens aprendessem música, não seria êsse o meio de se acordarem êles, estabelecendo no mundo a paz universal?

O SR. JOURDAIN

Tem razão.

(18) Nas cartas-patentes pelas quais, em 1570, fundava Carlos IX uma Academia de Música, lê-se: "Onde quer que a música seja desordenada, são ordinariamente depravados os costumes, e onde quer que ela esteja ordenada, são os homens de hábitos bem morigerados". Em 1636, acentuava gravemente o Padre Mersenne em *L'Harmonie universelle* a importância política da música. Acaso não se vêem, em pleno século XX, Estados que proscvem certas formas de música por considerá-las depravadas e incompatíveis com a sua evolução social?

O MESTRE DE DANÇA

Quando um homem comete um êrro na vida, seja em negócios da família, seja no govêrno de um Estado, seja no comando de um Exército, não se diz sempre: "Aquêle sujeito deu um mau passo em tal negócio" ¹⁹?

O SR. JOURDAIN

Sim, é o que se diz.

O MESTRE DE DANÇA

E dar um mau passo pode provir de outra coisa que do não saber dançar?

O SR. JOURDAIN

Isso é verdade, ambos têm razão.

O MESTRE DE DANÇA

Só queremos mostrar-lhe a excelência e a utilidade da dança e da música.

O SR. JOURDAIN

Agora compreendo.

O MESTRE DE MÚSICA

Quer ver os nossos trabalhos, Excelência?

O SR. JOURDAIN

Quero.

O MESTRE DE MÚSICA

Como já tive ocasião de esclarecer-lhe, trata-se de um ensaiozinho que compus, outrora, sôbre as diversas paixões que pode exprimir a música.

O SR. JOURDAIN

Muito bem.

O MESTRE DE MÚSICA

Vamos, adiantem-se! É preciso fazer de conta que estão todos vestidos de pastôres.

(19) Dizia Vestris, falando sèriamente: "Só há três grandes homens na Europa: o rei da Prússia, Voltaire e eu". Transparece claramente o orgulho dos dançarinos na *chorégraphie* de Guillemain, onde vem explanada a etiquêta cerimoniosa e quase real segundo a qual devia o Aluno cumprimentar o Mestre.

O SR. JOURDAIN

Por que sempre pastôres? Não se vê outra coisa!

O MESTRE DE DANÇA

Quando temos de fazer falarem as pessoas, em música, é mister que, por amor da verossimilhança, recorramos às bucólicas. O cantar sempre foi, em todos os tempos, attribuído aos pastôres; e não é natural, em diálogo, que príncipes e burgueses descantem as suas paixões ²⁰.

O SR. JOURDAIN

Está bem, está bem. Vamos ver.

DIÁLOGO EM MÚSICA

UMA CANTORA E DOIS CANTORES

*Ao triste coração, no amoroso jugo,
Matam cuidados, rói a dor, turba a saudade:
Dizem-nos que é doce o rigor do verdugo;
Sê-lo-á talvez, mas com desdém o refugo,
Pois nada se compara à nossa liberdade.*

PRIMEIRO CANTOR

*Nada existe mais suave do que o terno anseio
Que faz bater uníssonos dois corações.
Ninguém será feliz sem o amoroso enleio:
Tirai da vida o amor, tirais-lhe as emoções.*

SEGUNDO CANTOR

*Doce fôra aceitar o carinhoso império
Se se pudesse achar confiança a par do amor;*

(20) Esta resposta é diversamente interpretada. Zombará Molière, dissimuladamente, do mestre de dança, que pretende, em nome da verossimilhança e do natural, defender o gênero pastoral, as bucólicas que estavam na moda? Ou será uma sátira contra a ópera italiana, introduzida em França em 1645 por Mazarino, e à qual desejará Molière impor limites, excluindo da cena lírica burgueses e príncipes? Conhecem-se as invectivas de Boileau contra a ópera:

*"... êsses discursos engraçadíssimos sôbre o amor,
Êsses adocicados Renauds, êsses insensatos Rolands"*

(Sátira X, 1692).

*Mas ó fado cruel, doloroso mistério,
Não se vê uma pastôra fiel ao seu pastor,
E o tal sexo inconstante, indigno de existir,
Bem lhe fôra do amor pra sempre desistir.*

PRIMEIRO CANTOR

Amorável ardor,

CANTORA

Liberdade feliz,

SEGUNDO CANTOR

Ó sexo enganador,

PRIMEIRO CANTOR

Quão preciosa me és!

CANTORA

Meu coração te quer!

SEGUNDO CANTOR

Tu me inspiras horror!

PRIMEIRO CANTOR

Ah! deixa, para amar, êsse ódio mortal.

CANTORA

*Posso, posso mostrar-te,
A pastôra fiel.*

SEGUNDO CANTOR

Ai, mas onde encontrá-la?

CANTORA

*Por honrar nossa glória,
Dou-te aqui meu anel.*

SEGUNDO CANTOR

*Mas, Pastôra, bei de crer
Que não será tredor?*

CANTORA

*É fácil de se ver
Quem amará melhor.*

SEGUNDO CANTOR

*Possa Deus perder
Quem trair seu amor!*

OS TRÊS

*Em tão belos ardores
Deixai-nos abrasar:
Sendo fiéis os amôres,
Como é doce o amar²¹!*

O SR. JOURDAIN

É só?

O MESTRE DE MÚSICA

É só.

O SR. JOURDAIN

Isso me parece bem fabricado, e há, no meio, uns ditinhos engraçadinhos.

O MESTRE DE DANÇA

Pelo que me toca, eis aqui um pequeno ensaio dos mais belos movimentos e das mais belas atitudes que se podem encontrar em uma dança.

O SR. JOURDAIN

São pastôres também?

O MESTRE DE DANÇA

Serão o que quiser Vossa Excelência. Vamos.

Quatro dançarinos executam todos os movimentos diferentes e tôdas as espécies de passos de dança que lhes prescreve o Mestre, e essa dança constitui o primeiro intermédio²².

(21) Êsse breve argumento musical não deixa de ter relação com o tema de *La Princesse d'Élide*, em que a pastôra não se entrega ao primeiro pastor, cheio de suspiros e de ardor, mas ao segundo, que despede amarguras e anátemas.

(22) Não há entreato, senão intermédio de dança, depois do qual a cena continua com os mesmos personagens. Ocorre durante a

ATO II

CENA I — O SR. JOURDAIN, O MESTRE DE MÚSICA,
O MESTRE DE DANÇA, *Lacaios*.

O SR. JOURDAIN

Não é feio, e essa gente saracoteia bem.

O MESTRE DE MÚSICA

Quando a dança estiver associada à música, será ainda melhor o efeito, e Vossa Excelência verá como é galante o bailadozinho que lhe compusemos.

O SR. JOURDAIN

Será para logo mais; pois a pessoa para quem mandei fazer tudo isto deverá dar-me a honra de vir jantar aqui em casa.

O MESTRE DE DANÇA

Está tudo pronto.

O MESTRE DE MÚSICA

De resto, senhor, isso não basta; cumpre que uma pessoa como Vossa Excelência, que é magnífico, e tem propensão para as coisas belas, dê um concêrto de música em casa tôdas as quartas ou tôdas as quintas-feiras.

O SR. JOURDAIN

As pessoas de trato dão concertos assim?

O MESTRE DE MÚSICA

Dão sim, senhor.

O SR. JOURDAIN

Nesse caso, também os darei. Serão bonitos?

dança um jôgo de cena tradicional. Para distrair-se, vai de mansinho o Sr. Jourdain olhar pela janela, chamado pelo Mestre de canto, ou então ferra beatificamente no sono.

O MESTRE DE MÚSICA

Sem dúvida. Vossa Excelência precisará de três vozes: um tenor, um soprano, e um baixo, que serão acompanhados de um violoncelo, uma tiorba, e um cravo para os baixos contínuos, com dois agudos de violino para tocar os ritornelos²³.

O SR. JOURDAIN

O senhor precisa incluir também uma trombeta marinha²⁴. A trombeta marinha é um instrumento que me agrada, e, além disso, é harmoniosa.

O MESTRE DE MÚSICA

Deixe-nos dirigir as coisas, Excelência.

O SR. JOURDAIN

Pelo menos não se esqueçam de mandar-me uns músicos, daqui a pouco, para cantarem à mesa.

O MESTRE DE MÚSICA

Vossa Excelência terá tudo o que lhe fôr preciso.

O SR. JOURDAIN

E, principalmente, que o bailado seja bonito.

O MESTRE DE MÚSICA

Ficará satisfeito com êle e, entre outras coisas, com certos minuets que nêle verá.

O SR. JOURDAIN

Ah! o minueto é a minha dança preferida²⁵, e quero que me vejam dançá-lo. Vamos, mestre.

(23) Acumulação propositada de termos técnicos.

(24) Instrumento de uma só corda, de braço muito comprido, às vêzes de dois metros, cujo som era um ronco estridente e barulhento, que se comparava ao dos deuses marinhos quando sopravam nos seus búzios. Havia três trombetas marinhas na orquestra do rei, mas era instrumento que se encontrava principalmente entre os músicos de rua, e aí está por que podia o Sr. Jourdain, aliás pouco discreto nos gostos, falar dêle como entendido.

(25) Dança de passos miúdos, o minueto exigia leveza.

O MESTRE DE DANÇA

Um chapéu ²⁶, senhor, por obséquio. La, la, la; la, la, la, la, la; La, la, la, *bis*; La, la, la; La, la. Com cadência, por favor. La, la, la, la. A perna direita. La, la, la. Não mexa tanto os ombros. La, la, la, la, la; La, la, la, la, la. Os seus braços estão estropiados. La, la, la, la, la. Levante a cabeça. Vire a ponta do pé para fora. La, la, la. Endireite o corpo ²⁷.

O SR. JOURDAIN

E agora?

O MESTRE DE MÚSICA

Perfeito.

O SR. JOURDAIN

A propósito. Ensinem-me como se deve fazer uma reverência para cumprimentar uma marquesa; daqui a pouco precisarei dela.

O MESTRE DE DANÇA

Uma reverência para cumprimentar uma marquesa?

O SR. JOURDAIN

Sim: uma marquesa chamada Dorimène.

O MESTRE DE DANÇA

Dê-me a mão, Excelência.

O SR. JOURDAIN

Não. Faça sòzinho, que eu não me esquecerei.

O MESTRE DE DANÇA

Se quiser cortejá-la com muito respeito, Vossa Excelência terá de fazer primeiro uma reverência para trás, depois dirigir-se a ela com três reverências para a frente, e, à última, inclinar-se até aos joelhos dela.

O SR. JOURDAIN

Mostre-me como se faz. Está bem.

(26) Dançava-se com o tricórnio na cabeça, que se tirava para as reverências.

(27) Antigo dançarino, Faure, que representou o papel de mestre de dança de 1808 a 1838, acrescentou aqui numerosos jogos de cena, alguns dos quais a tradição conservou na Comédie-Française.

PRIMEIRO LACAIO

Senhor, está aí o seu mestre de esgrima.

O SR. JOURDAIN

Diga-lhe que entre aqui para dar-me a lição. Quero que os senhores me vejam em ação.

CENA II — O MESTRE DE ESGRIMA, O MESTRE DE MÚSICA, O MESTRE DE DANÇA, O SR. JOURDAIN, dois lacaios.

O MESTRE DE ESGRIMA, *depois de lhe haver pôsto o florete na mão.*

Vamos a ver, senhor, a reverência. O corpo direito. Um pouco inclinado sôbre a coxa esquerda. As pernas menos separadas. Os pés na mesma linha. O punho em frente do quadril. A ponta da espada defronte do ombro. O braço menos esticado. A mão esquerda à altura dos olhos. O ombro esquerdo mais para o lado, como em quarta. Cabeça direita. Olhar confiante. Avance. Corpo firme. Toque-me a espada em quarta, e conclua da mesma forma. Um, dois. Descanse. Outra vez, com o pé firme. Um salto para trás. Quando desferir o bote, vá a espada por diante, e fique o corpo de lado. Um, dois. Vamos, toque-me a espada em têtça, e conclua da mesma guisa. Avance. Corpo firme. Avance. Ataque daí. Um, dois. Descanse. Outra vez. Um salto para trás. Em guarda, senhor, em guarda.

(O Mestre de esgrima atira-lhe duas ou três estocadas, dizendo: "Em guarda".)

O SR. JOURDAIN

E então?

O MESTRE DE MÚSICA

Vossa Excelência faz maravilhas.

O MESTRE DE ESGRIMA

Como eu já lhe disse, todo o sêgrêdo da esgrima consiste apenas em duas coisas: em dar, e em não levar; e como lhe signifiquei outro dia pela razão demonstrativa, Vossa Excelência nunca levará, se souber desviar a espada do inimigo da linha do seu corpo: o que depende tão-sòmente de um movimentozinho do punho, quer para fora, quer para dentro.

O SR. JOURDAIN

Dessa maneira, então, sem ser corajoso, um homem pode ter a certeza de matar e inimigo, e não morrer.

O MESTRE DE ESGRIMA

Sem dúvida. Não viu Vossa Excelência a demonstração?

O SR. JOURDAIN

Vi.

O MESTRE DE ESGRIMA

Pois então! E é nisso que se vê quanta consideração nos é devida em um Estado²⁸ e o quanto se avanta a ciência das armas a tôdas as outras ciências inúteis, como a dança, a música, a...

O MESTRE DE DANÇA

Alto lá, Sr. Espadachim! Mais respeito com a dança.

O MESTRE DE MÚSICA

Faça-me o favor de tratar melhor a excelência da música.

O MESTRE DE ESGRIMA

Os senhores são engraçadíssimos, querendo comparar à minha as suas ciências.

O MESTRE DE MÚSICA

Vejam só como está importante o homem!

O MESTRE DE DANÇA

É um divertido animal, com o seu plastrão!

O MESTRE DE ESGRIMA

Meu mestrezinho de dança, eu o farei dançar o miudinho. E, quanto a você, meu músicozinho, fá-lo-ei cantar bonito.

O MESTRE DE DANÇA

Senhor bate-ferros, hei de ensinar-lhe o ofício.

(28) Por cartas-patentes de 1656, registradas em 1664, decidira Luís XIV que os seis mais antigos mestres de esgrima de Paris receberiam títulos hereditários de nobreza.

O SR. JOURDAIN, ao Mestre de dança

Não seja doido de brigar com êle, que entende de têrça e de quarta, e sabe matar um homem pela razão demonstrativa.

O MESTRE DE DANÇA

Pouco se me dá da sua razão demonstrativa, e da sua têrça e da sua quarta.

O SR. JOURDAIN

Calma, estou dizendo.

O MESTRE DE ESGRIMA

Como? fedelho impertinente.

O SR. JOURDAIN

Por favor! meu Mestre de esgrima.

O MESTRE DE DANÇA

Como? cavalão de carroça.

O SR. JOURDAIN

Por favor! meu Mestre de dança.

O MESTRE DE ESGRIMA

Se os pego...

O SR. JOURDAIN

Devagar.

O MESTRE DE DANÇA

Se te ponho a mão...

O SR. JOURDAIN

Calma.

O MESTRE DE ESGRIMA

Dou-lhes uma sova...

O SR. JOURDAIN

Misericórdia!

O MESTRE DE DANÇA

Dou-te uma coça...

O SR. JOURDAIN

Por favor.

O MESTRE DE MÚSICA

Deixe-nos ensiná-lo a falar.

O SR. JOURDAIN

Santo Deus! conttenham-se!

CENA III — O MESTRE DE FILOSOFIA, O MESTRE DE MÚSICA, O MESTRE DE DANÇA, O MESTRE DE ESGRIMA, O SR. JOURDAIN, *Lacaíus*.

O SR. JOURDAIN

Olá, Sr. Filósofo, o senhor chega a propósito com a sua filosofia. Venha trazer um pouco de calma a esta gente.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Que foi? Que aconteceu, senhores?

O SR. JOURDAIN

Êles se enfezaram por amor à preferência das suas profissões, a ponto de se injuriarem e quererem chegar às vias de fato.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Ora, essa! E será preciso exaltar-se dessa maneira? Não leram os senhores o douto tratado de Sêneca sôbre a cólera? Haverá, porventura, algo mais baixo e vergonhoso do que essa paixão, que faz de um homem uma bêsta-fera? E não deve ser a razão a soberana de todos os nossos movimentos?

O MESTRE DE DANÇA

Como, senhor, se êle vem aqui injuriar-nos aos dois, menosprezando a dança que exerço, e a música de que êle faz profissão?

O MESTRE DE FILOSOFIA

O sábio está acima de tôdas as injúrias que se lhe podem assacar; e a grande resposta que se há de dar aos agravos é a moderação e a paciência.

O MESTRE DE ESGRIMA

Tiveram ambos a audácia de querer comparar as suas profissões à minha.

O MESTRE DE FILOSOFIA

E isso o comove? Não são a glória vã e a condição motivos para que os homens disputem entre si; o que nos distingue perfeitamente uns dos outros é a sabedoria e a virtude.

O MESTRE DE DANÇA

Eu sustento-lhe que a dança é uma ciência que nunca se poderá honrar em demasia.

O MESTRE DE MÚSICA

E eu, que a música é outra que em todos os séculos se reverenciou.

O MESTRE DE ESGRIMA

E eu, eu sustento-lhes a ambos que a ciência da esgrima é a mais bela e a mais necessária de tôdas as ciências.

O MESTRE DE FILOSOFIA

E que dizer, então, da Filosofia? Os senhores três me parecem muito impertinentes ao falarem, em minha presença, com tanta arrogância, e ao darem com tamanha impudência o nome de ciência a coisas que não fazem jus sequer ao de arte, e que só se podem compreender sob os nomes de miseráveis officios de gladiador, cantor e bufão.

O MESTRE DE ESGRIMA

Sai, filósofo de uma figa.

O MESTRE DE MÚSICA

Sai, pedante ordinário.

O MESTRE DE DANÇA

Sai, pernóstico chapado.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Como? salafrários...

(*Atira-se a êles o Filósofo, e os três moem-no com pancadas, e saem a esmurrar-se.*)

O SR. JOURDAIN

Senhor Filósofo.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Infames! patifes! insolentes!

O SR. JOURDAIN

Senhor Filósofo.

O MESTRE DE ESCRIMA

Animal! Peste!

O SR. JOURDAIN

Senhores.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Impudentes!

O SR. JOURDAIN

Senhor Filósofo.

O MESTRE DE DANÇA

Diabos o levem, burro de carga!

O SR. JOURDAIN

Senhores.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Celerados!

O SR. JOURDAIN

Senhor Filósofo.

O MESTRE DE MÚSICA

Diabos carreguem o impertinente!

O SR. JOURDAIN

Senhores.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Tratantes! velhacos! traidores! impostores!

O SR. JOURDAIN

(*Saem.*)
Sr. Filósofo, senhores, Sr. Filósofo, senhores, Sr. Filósofo.
Oh! esmurrem-se à vontade: já não sei o que fazer, e não vou estragar o meu roupão para separá-los. Rematada tolice seria a minha se me metesse entre eles, com o risco de levar alguma pancada mais séria.

CENA IV — O MESTRE DE FILOSOFIA, O SR. JOURDAIN

O MESTRE DE FILOSOFIA, *arrumando a gola do casaco*
Vamos à lição.

O SR. JOURDAIN

Ah! senhor, lamento as bordoadas que lhe deram.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Isso não é nada. Um filósofo sabe receber as coisas como é preciso, e vou compor contra êles uma sátira à maneira de Juvenal, que os reduzirá à expressão mais simples. Deixemos isso. Que deseja aprender Vossa Excelência?

O SR. JOURDAIN

Tudo o que puder, pois ando morto por ser sábio; e fico furo da vida porque minha mãe e meu pai não me fizeram estudar tôdas as ciências, quando eu era môço²⁹.

O MESTRE DE FILOSOFIA

É razoado o sentimento: *Nam sine doctrina vita est quasi mortis imago*. Vossa Excelência compreende o que digo, e sabe latim, com certeza.

O SR. JOURDAIN

Sei, sei, mas faça de conta que não sei: explique-me o que quer dizer isso.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Isso quer dizer que *Sem a ciência, a vida é quase uma imagem da morte*.

O SR. JOURDAIN

Esse latim tem razão.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Não tem Vossa Excelência alguns princípios, alguns rudimentos das ciências?

O SR. JOURDAIN

Oh! tenho, tenho: sei ler e escrever.

(29) Nas *Nuens*, Aristófanes mostrava igualmente Estrepsiado buscando instruir-se junto a Sócrates.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Por onde deseja começar? Quer que eu lhe ensine lógica?

O SR. JOURDAIN

Que pito toca essa lógica?

O MESTRE DE FILOSOFIA

Ela nos ensina as três operações do espírito.

O SR. JOURDAIN

Quem são essas três operações do espírito?

O MESTRE DE FILOSOFIA

A primeira, a segunda e a terceira. A primeira é a de bem conceber por meio das universais. A segunda, a de bem julgar por meio das categorias; e a terceira, a de bem inferir uma consequência por meio das figuras *Barbara, Celarent, Darii, Ferio, Baralipon*³⁰ etc.

O SR. JOURDAIN

São muito rebarbativas essas palavras. Não me agrada a tal lógica. Aprendamos alguma coisa mais bonita.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Quer estudar moral?

O SR. JOURDAIN

A moral?

O MESTRE DE FILOSOFIA

Sim.

O SR. JOURDAIN

Que é que diz essa moral?

O MESTRE DE FILOSOFIA

Trata da felicidade, ensina os homens a moderarem as paixões, e...

(30) V. *Le Mariage Forcé*, cena IV. As três operações do espírito são a percepção, o julgamento, o raciocínio; as cinco universais são o gênero, a espécie, a diferença, o próprio e o acidente.

O SR. JOURDAIN

Não, deixemos isso. Sou bilioso como o diabo; não há moral que me valha e, quando me dá na telha, quero enraivar sossegado até rebentar de raiva.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Vossa Excelência quer estudar física?

O SR. JOURDAIN

Que é que canta essa física?

O MESTRE DE FILOSOFIA

A física explica os princípios das coisas naturais, e as propriedades dos corpos; discorre sobre a natureza dos elementos, dos metais, dos minerais, das pedras, das plantas e dos animais, e nos ensina as causas de todos os meteoros³¹, o arco-íris, os fogos-fátuos, os cometas, os relâmpagos, o trovão, o raio, a chuva, a neve, a geada, os ventos e os turbilhões³².

O SR. JOURDAIN

Há muita algazarra nesse negócio, muita barulheira.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Que quer, então, que eu lhe ensine?

O SR. JOURDAIN

Ensine-me a ortografia.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Com muito gosto.

O SR. JOURDAIN

Depois, o senhor me ensinará o almanaque, para eu saber quando há lua e quando não há.

(31) Fenômenos que se produzem na atmosfera, tais como os ventos, a chuva, o granizo, o trovão.

(32) Explicava Descartes pelos turbilhões os movimentos da matéria. Os seus *Météores* são de 1637. Newton lhe destruirá a teoria dos turbilhões em 1686.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Seja. Para bem acompanhar o pensamento de Vossa Excelência e tratar filosoficamente o assunto, fôrça é começar, segundo a ordem das coisas, pelo exato conhecimento da natureza das letras e da diferente maneira de pronunciá-las tôdas. E, a êsse respeito, devo dizer-lhe que as letras se dividem em vogais, ditas vogais porque exprimem as vozes; e em consoantes, chamadas consoantes porque soam com as vogais, e limitam-se a assinalar as diversas articulações das vozes³³. Há cinco vogais, ou vozes: A, E, I, O, U.

O SR. JOURDAIN

Tudo isso eu compreendo.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Forma-se a voz A, abrindo bem a bôca: A.

O SR. JOURDAIN

A, A. Sei.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Forma-se a voz E, aproximando-se a queixada de baixo da queixada de cima: A, E.

O SR. JOURDAIN

A, E, A, E. É isso mesmo. Ah! como é bonito!

O MESTRE DE FILOSOFIA

E a voz I, aproximando ainda mais as queixadas uma da outra, e afastando os dois cantos da bôca na direção das orelhas: A, E, I.

O SR. JOURDAIN

A, E, I, I, I, I. É verdade. Viva a ciência!

O MESTRE DE FILOSOFIA

Forma-se a voz O, reabrindo as queixadas, e reaproximando os beiços pelos dois cantos, o alto e o baixo: O.

(33) Inspira-se Molière, quase literalmente, nessas explicações, no mecanismo da pronúncia de uma obra de Cordemoy, *Discours physique de la parole* (1668).

O SR. JOURDAIN

O, O. Nada mais justo. A, E, I, O, I, O. É admirável! I, O, I, O.

O MESTRE DE FILOSOFIA

A abertura da bôca forma exatamente uma espécie de rodinha, que representa um O.

O SR. JOURDAIN

O, O, O. Tem razão. Ah! que bela coisa é saber alguma coisa!

O MESTRE DE FILOSOFIA

Forma-se a voz U, aproximando os dentes sem uni-los de todo, e esticando os dois beiços para fora, acercando-os assim um do outro sem reuni-los completamente: U.

O SR. JOURDAIN

U, U. Não há nada mais verdadeiro: U.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Alongam-se-lhe os beiços, como se Vossa Excelência fizesse um muxôxo: de onde vem que, se quiser caretear a alguém, e fazer troça dêle, bastar-lhe-á dizer-lhe: U.

O SR. JOURDAIN

U, U. É verdade. Ah! por que não terei estudado antes, para saber tudo isso?

O MESTRE DE FILOSOFIA

Amanhã veremos as outras letras, que são as consoantes.

O SR. JOURDAIN

E têm também coisas tão curiosas como estas?

O MESTRE DE FILOSOFIA

Sem dúvida. A consoante D, por exemplo, pronuncia-se batendo com a ponta da língua acima dos dentes superiores: Da.

O SR. JOURDAIN

Da, Da. Sim. Ah! que belas coisas! que belas coisas!

O MESTRE DE FILOSOFIA

Fa. O F, apoiando os dentes de cima sôbre o beijo de baixo:

O SR. JOURDAIN

Fa, Fa. É verdade. Ah! meu pai e minha mãe, como lhes quero mal!

O MESTRE DE FILOSOFIA

E o R, levando a ponta da língua até ao alto do céu da boca, de sorte que, sendo roçada pelo ar que sai com fôrça, ela cede à pressão e volta sempre ao mesmo lugar, com uma espécie de tremura: RRa.

O SR. JOURDAIN

R, R, Ra; R, R, R, R, R, Ra. É verdade! Ah! que habilíssimo homem é o senhor! E quanto tempo perdi! R, R, R, Ra.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Explicar-lhe-ei a fundo tôdas essas curiosidades.

O SR. JOURDAIN

Por favor. De resto, preciso fazer-lhe uma confidência. Estou apaixonado por uma pessoa de alta estirpe, e desejaria que o senhor me ajudasse a escrever-lhe alguma coisa em um bilhetinho que pretendo deixar cair a seus pés.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Muito bem.

O SR. JOURDAIN

Será uma galanteza.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Sem dúvida. É em versos que lhe quer escrever Vossa Excelência?

O SR. JOURDAIN

Não, não, em versos não.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Só em prosa?

O SR. JOURDAIN

Não, não quero prosa nem versos.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Há de ser uma coisa, ou outra.

O SR. JOURDAIN

Por quê?

O MESTRE DE FILOSOFIA

Pela simples razão de que só podemos exprimir-nos em prosa ou em versos.

O SR. JOURDAIN

Só existem a prosa e os versos?

O MESTRE DE FILOSOFIA

Só; tudo o que não é prosa é verso; e tudo o que não é verso é prosa.

O SR. JOURDAIN

E assim como a gente fala, o que é?

O MESTRE DE FILOSOFIA

É prosa.

O SR. JOURDAIN

Como? Então, quando digo: "Nicole, traga-me os chinelos, e dê-me o gorro de dormir", estou fazendo prosa?

O MESTRE DE FILOSOFIA

Está, sim, senhor.

O SR. JOURDAIN

Puxa vida! Há mais de quarenta anos que faço prosa sem o saber! Fico-lhe muitíssimo obrigado por me haver ensinado isso. Eu queria, portanto, dizer-lhe no bilhete: *Bela Marquesa, os seus belos olhos me fazem morrer de amor*; mas gostaria que isso fôsse dito de um modo galante, apresentado com certa elegância.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Diga que o lume dos seus olhos reduziram a cinzas o coração de Vossa Excelência; que Vossa Excelência padece noite e dia, por ela, as violências de um...

O SR. JOURDAIN

Não, não, não, não quero nada disso; quero apenas o que vos disse: *Bela Marquesa, os seus belos olhos me fazem morrer de amor*.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Mas é preciso desenvolver um pouco o negócio.

O SR. JOURDAIN

Repito que não, só quero essas palavras no bilhete; mas arranjadas conforme a moda, bem arrumadinhas. Diga-me, por favor, só para ver, os vários modos por que elas podem ser ditas.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Podem ser ditas, em primeiro lugar, como as disse Vossa Excelência: *Bela Marquesa, os seus belos olhos me fazem morrer de amor.* Ou então: *De amor morrer me fazem, bela Marquesa, os seus belos olhos.* Ou então: *Os seus belos olhos de amor me fazem, bela Marquesa, morrer.* Ou então: *Morrer os seus belos olhos, bela Marquesa, de amor me fazem.* Ou então: *Me fazem os seus belos olhos morrer, bela Marquesa, de amor.*

O SR. JOURDAIN

E de todos êsses modos, qual é o melhor?

O MESTRE DE FILOSOFIA

O que disse Vossa Excelência: *Bela Marquesa, os seus belos olhos me fazem morrer de amor.*

O SR. JOURDAIN

E, no entanto, sem ter estudado, fiz isso assim, de pancada. Agradeço-lhe de todo o coração, e peço-lhe que volte amanhã bem cedinho.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Não faltarei.

O SR. JOURDAIN

E então? A minha roupa ainda não chegou?

SEGUNDO LACAIO

Não, senhor.

O SR. JOURDAIN

O maldito alfaiate está-me fazendo esperar demais num dia em que tenho tanto que fazer! Fico louco da vida. Possa a febre quartã fazer sofrer o carrasco do alfaiate! Diabos carreguem o alfaiate! A peste sufoque o alfaiate! Se eu tivesse nas mãos, agora, êsse detestável alfaiate, êsse cachorro de alfaiate, êsse traidor de alfaiate, eu...

CENA V — O MESTRE ALFAIATE, O Aprendiz de Alfaiate carregando a roupa do Sr. Jourdain, O SR. JOURDAIN, Lacaio.

O SR. JOURDAIN

Ah! Está aí! Eu já ia zangar-me com o senhor.

O MESTRE ALFAIATE

Não pude chegar mais cedo, e pus vinte oficiais a trabalhar na roupa de Vossa Excelência.

O SR. JOURDAIN

O senhor mandou-me hoje umas meias de sêda tão apertadas, que tive um trabalhão danado para calçá-las, e já lhes rasguei duas malhas.

O MESTRE ALFAIATE

As meias, assim, ficarão mais largas.

O SR. JOURDAIN

É claro, se eu continuar rasgando as malhas. Mandou-me também uns sapatos que me machucam horrivelmente.

O MESTRE ALFAIATE

Não, senhor.

O SR. JOURDAIN

Como, não, senhor?

O MESTRE ALFAIATE

Os sapatos não o machucam.

O SR. JOURDAIN

Pois se estou dizendo que machucam!

O MESTRE ALFAIATE

Vossa Excelência está imaginando.

O SR. JOURDAIN

Imagino porque sinto, ora, essa! Bela razão!

O MESTRE ALFAIATE

Veja, Excelência, aqui está o mais belo traje da côrte, e o mais bem ajustado. Foi uma obra-prima haver inventado um fato sério que não fôsse prêto; e eu a ofereço em seis lições, aos mais esclarecidos alfaiates.

O SR. JOURDAIN

Que é isto? O senhor pôs as flôres de cabeça para baixo ³⁴.

O MESTRE ALFAIATE

Vossa Excelência não me disse que as queria de cabeça para cima.

O SR. JOURDAIN

É preciso dizê-lo?

O MESTRE ALFAIATE

Naturalmente. Tôdas as pessoas de trato usam-nas assim.

O SR. JOURDAIN

As pessoas de trato usam as flôres de cabeça para baixo?

O MESTRE ALFAIATE

Sim, senhor.

O SR. JOURDAIN

Oh! então está muito bem.

O MESTRE ALFAIATE

Se Vossa Excelência quiser, pô-las-ei de cabeça para cima.

O SR. JOURDAIN

Não, não.

O MESTRE ALFAIATE

É só dizer.

O SR. JOURDAIN

Eu já disse que não; o senhor fêz bem. Crê que a roupa me assentá bem?

(34) Por inadvertência do oficial, as flôres foram colocadas ao contrário.

O MESTRE ALFAIATE

Bela pergunta! Desafio um pintor, com o seu pincel, a fazer alguma coisa mais ajustada. Tenho em casa um oficial que, para armar um saiote, é o maior gênio do mundo; e outro que, para rematar um gibão, é o herói dos nossos tempos.

O SR. JOURDAIN

A peruca e as plumas estão em ordem?

O MESTRE ALFAIATE

Está tudo em ordem.

O SR. JOURDAIN, *examinando a roupa do alfaiate*

Ah! ah! Sr. Alfaiate, essa é a fazenda do último traje que mandei fazer. Reconheço-a perfeitamente.

O MESTRE ALFAIATE

Pareceu-me tão bonita a fazenda, que resolvi tirar-lhe um corte para mim.

O SR. JOURDAIN

Sim, mas não devia tirá-lo da minha fazenda.

O MESTRE ALFAIATE

Vossa Excelência não quer vestir o traje?

O SR. JOURDAIN

Quero, dê-mo.

O MESTRE ALFAIATE

Um momento. A coisa não se faz assim. Eu trouxe gente para vesti-lo com cadência, e os fatos dêsse tipo vestem-se com cerimônia. Olá! entrem. Vistam o cavalheiro, da mesma maneira como vocês vestem as pessoas de trato.

(Entram quatro oficiais de alfaiate, dois dos quais lhe arrancam os calções dos exercícios, e outros dois a camisola; em seguida, vestem-lhe a roupa nova; e o Sr. Jourdain passeia entre elles, e mostra-lhes a indumentária, para que vejam se está bem. Desenvolve-se a cena na cadência de toda a sinfonia.)

O OFICIAL DE ALFAIATE

Meu gentil-homem, dê, por favor, qualquer coisa aos oficiais para molhar a goela.

O SR. JOURDAIN

Como foi que você me chamou?

O OFICIAL DE ALFAIATE

Meu gentil-homem³⁵.

O SR. JOURDAIN

“Meu gentil-homem!” Isso é o que é vestir-se a gente como pessoa de trato. Vista-se um homem sempre de burguês, e ninguém lhe dirá: “Meu gentil-homem”. Tome, aí está pelo “Meu gentil-homem”.

O OFICIAL DE ALFAIATE

Monsenhor³⁶, nós lhe ficamos muito agradecidos.

O SR. JOURDAIN

“Monsenhor”, oh, oh! “Monsenhor!” Espere, meu amigo: “Monsenhor” merece um pouco mais, pois “Monsenhor” é uma palavra e tanto. Tome, aí está o que lhe dá este Monsenhor.

O OFICIAL DE ALFAIATE

Monsenhor, vamos todos beber à saúde de Vossa Grandeza³⁷.

O SR. JOURDAIN

“Vossa Grandeza!” Oh, oh, oh! Um momento, não se vá. “Vossa Grandeza” para mim! Palavra que, se ele chegar a Alteza³⁸, me levará tôda a bolsa. Tome, aí está pela Minha Grandeza.

O OFICIAL DE ALFAIATE

Monsenhor, nós lhe agradecemos muito humildemente as liberalidades.

(35) O gentil-homem é o nobre de raça. Nobre se diz principalmente daquele cuja nobreza foi conseguida através de cartas reais. Todo gentil-homem é nobre, mas nem todo nobre é gentil-homem. O príncipe faz nobres, mas o sangue faz gentis-homens (*Dictionnaire de l'Académie*, 1694).

(36) Título reservado “às pessoas distintas pelo nascimento ou pela posição” (*Dictionnaire de l'Académie*, 1694).

(37) Título reservado aos bispos ou aos senhores de mediana importância.

(38) Título dos príncipes.

O SR. JOURDAIN

Ainda bem: eu ia dar-lhe tudo.

(Regozijam-se os quatro oficiais com uma dança que constitui o segundo intermédio.)

ATO III

CENA I — O SR. JOURDAIN, Lacaio

O SR. JOURDAIN

Siga-me, que eu quero dar uma volta para mostrar a minha roupa na cidade; e, sobretudo, faça por caminhar logo atrás de mim, a fim de que tôda a gente veja bem que você me pertence.

LACAIO

Sim, senhor.

O SR. JOURDAIN

Vá chamar Nicole, para que eu lhe dê algumas ordens. Não, não é preciso, ela vem vindo.

CENA II — NICOLE, O SR. JOURDAIN, Lacaio

O SR. JOURDAIN

Nicole!

NICOLE

Sim?

O SR. JOURDAIN

Escute.

NICOLE

Hi, hi, hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Por que está rindo?

NICOLE

Hi, hi, hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Que quer dizer essa marota?

NICOLE

Hi, hi, hi. Como o senhor está vestido! Hi, hi, hi.

Como?

O SR. JOURDAIN

NICOLE

Ah, ah! meu Deus! Hi, hi, hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Que descarada! Você está mangando comigo?

NICOLE

Não, senhor, eu setia incapaz. Hi, hi, hi, hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Arrebento-lhe as fuças, se não parar de rir.

NICOLE

Não posso, senhor, não posso. Hi, hi, hi, hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Não pára?

NICOLE

Perdão, mas o senhor está tão gozado, que não posso deixar de rir. Hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Mas vejам só que insolência!

NICOLE

Está gozadíssimo assim. Hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Eu lhe...

NICOLE

Peço-lhe que me perdoe. Hi, hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Olhe, se você der mais uma risada, juro que lhe aplicarei na cara o maior bofetão que já se aplicou neste mundo.

NICOLE

Está bem, senhor, pronto; não rio mais.

O SR. JOURDAIN

Muito cuidadinho. É preciso que você limpe, para logo...

NICOLE

Hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Que limpe direitinho...

NICOLE

Hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Estou dizendo que é preciso limpar a sala, e...

NICOLE

Hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Outra vez!

NICOLE³⁹

Que é que eu vou fazer? Prefiro que o senhor me esbofeteie, mas me deixe rir à vontade, será melhor para mim. Hi, hi, hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Estou-me enfezando.

NICOLE

Por misericórdia, senhor, deixe-me rir. Hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Se te pego...

NICOLE

Arrebento, senhor, se não rio. Hi, hi, hi.

O SR. JOURDAIN

Mas onde já se viu uma escarolada como essa, que vem rir-se de mim nas minhas bochechas, em vez de receber as minhas ordens?

(39) Nicole caindo ao chão de tanto rir (edição de 1734).

NICOLE

Que quer o senhor que eu faça?

O SR. JOURDAIN

Que comece, descarada, a preparar-me a casa para as visitas que deverão chegar daqui a pouco.

NICOLE⁴⁰

Ah! pronto! já perdi a vontade de rir; e tôdas as suas visitas fazem tamanho rebuliço aqui dentro, que só essa palavra basta para deixar-me de mau humor.

O SR. JOURDAIN

E deverei, acaso, por sua causa, fechar a minha porta para tôda gente?

NICOLE

Deveria fechá-la, ao menos, para certa gente.

CENA III — A SRA. JOURDAIN, O SR. JOURDAIN,
NICOLE, *Lacaïos*.

A SRA. JOURDAIN

Ah, ah! temos novidade. Que significa, senhor meu marido, todos êsses trajés? Pretende, acaso, achincalhar o mundo deixando-se arrear dessa maneira? E quer, porventura, que em tôda parte façam troça de si?

O SR. JOURDAIN

Só os tolos, e as tôlas, senhora minha espôsa, farão troça de mim.

A SRA. JOURDAIN

Na realidade, ninguém esperou até agora, e já faz muito tempo que os seus modos provocam o riso de tôda gente.

O SR. JOURDAIN

E quem é tôda gente, faz-me o obséquio de dizer?

(40) Nicole, erguendo-se do chão (edição de 1734).

A SRA. JOURDAIN

Tôda a gente é uma gente que tem juízo, e é mais sensata do que o senhor. Quanto a mim, estou escandalizada pela vida que o vejo levar. Já nem sei o que virou a nossa casa: até parece que aqui dentro é carnaval o ano inteiro; e, desde manhã cedo, todo santo dia, ouve-se uma algazarra de cantores e violinos, que já anda incomodando a vizinhança.

NICOLE

Diz bem a senhora. Já nem posso ver o meu serviço em dia, com essa chusma de gente que o senhor recebe aqui. Eles têm pés que vão buscar o tijuco em todos os cantos da cidade, e trazem-no para cá; e a coitada da Françoise está quase morta de cansaço, de tanto esfregar o chão, que os seus lindos mestres vêm emporcalhar, regularmente, todos os dias.

O SR. JOURDAIN

Cáspite! a nossa criada Nicole tem a língua bem afiada para uma caipira.

A SRA. JOURDAIN

Nicole tem razão, e o juízo dela é melhor do que o seu. Eu gostaria muito de saber o que pretende fazer o senhor com um mestre de dança na idade em que está.

NICOLE

E de um vasto mestre de esgrima, que, ao bater os pés, abala a casa inteira e nos arranca todos os ladrilhos da sala.

O SR. JOURDAIN

Bico calado, minha criada, e minha mulher.

A SRA. JOURDAIN

Quer aprender a dançar para quando já não tiver pernas?

NICOLE

Tem ganas de matar alguém?

O SR. JOURDAIN

Calem-se, eu já disse: são ambas umas ignorantonas, e não sabem as prerrogativas⁴¹ de tudo isso.

(41) O Sr. Jourdain não parece ter apreendido bem o sentido da palavra.

A SRA. JOURDAIN

O senhor deveria, antes, tratar de casar a sua filha, que já está em idade de ser dotada.

O SR. JOURDAIN

Tratarei de casar minha filha quando se apresentar um partido para ela; mas quero também tratar de aprender coisas bonitas.

NICOLE

Ouvi dizer ainda, minha senhora, que êle contratou hoje, para cúmulo dos cúmulos, um mestre de filosofia.

O SR. JOURDAIN

Exatamente: quero ter espírito, e saber discutir coisas entre as pessoas de bem.

A SRA. JOURDAIN

E não entrará, um dia dêsses, no colégio para levar chicotadas, na sua idade?

O SR. JOURDAIN

E por que não? Prouvesse a Deus que eu as tivesse recebido há pouco, as chicotadas, diante de tôda a gente, e soubesse o que se aprende no colégio ⁴²!

NICOLE

Sim, por Deus! que assim terfeis a perna mais bem feita.

O SR. JOURDAIN

Sem dúvida.

A SRA. JOURDAIN

Tudo isso é muito necessário ao govêrno da sua casa.

O SR. JOURDAIN

Seguramente. Vocês duas falam como dois burros, e a sua ignorância me envergonha. Por exemplo, sabem, acaso, o que estão dizendo agora?

(42) "Como é pateta um velho escolar!" diz Montaigne. "A gente pode continuar os estudos em qualquer tempo, mas não pode seguir frequentando a escola." O chicote era então empregado nos colégios e havia até um chicoteador oficial.

A SRA. JOURDAIN

Sei, sei que o que digo está muito bem dito, e que o senhor devia pensar em mudar de vida.

O SR. JOURDAIN

Não estou falando nisso. Pergunto o que são as palavras que estão dizendo.

A SRA. JOURDAIN

São palavras muito sensatas, o que o seu procedimento não é.

O SR. JOURDAIN

Já disse que não me refiro a isso. Pergunto: o que estou falando com vocês, o que lhes estou dizendo agora, que é?

A SRA. JOURDAIN

Patacoadas.

O SR. JOURDAIN

Não! não é isso. O que estamos dizendo os dois, a linguagem que estamos falando neste momento.

A SRA. JOURDAIN

Que é que tem?

O SR. JOURDAIN

Como se chama?

A SRA. JOURDAIN

Chama-se o que a gente quiser chamar-lhe.

O SR. JOURDAIN

Chama-se prosa, ignorante.

A SRA. JOURDAIN

Prosa?

O SR. JOURDAIN

Prosa, sim. Tudo o que é prosa, não é verso; e tudo o que não é verso, não é prosa ⁴³. Viram o que é estudar? E você, sabe o que é preciso fazer para dizer U?

(43) Aqui se atrapalha o Sr. Jourdain na citação, e acrescenta-lhe uma negativa a mais; assim Harpagão, ao retomar a máxima de Valère: "E preciso comer para viver..." Neste lance, porém, é muito mais cômico o equívoco do Sr. Jourdain.

NICOLE

Como?

O SR. JOURDAIN

Sim. Que é que você faz quando diz U?

NICOLE

O quê?

O SR. JOURDAIN

Diga U, para ver.

NICOLE

Pois bem, U.

O SR. JOURDAIN

Que é o que você está fazendo?

NICOLE

Estou dizendo U.

O SR. JOURDAIN

Sim, mas quando diz U, que é que você faz?

NICOLE

Faço o que o senhor manda.

O SR. JOURDAIN

Que estranha coisa é ter de haver-se a gente com animais! Você estica os beiços para fora e aproxima a queixada de cima da queixada de baixo: U, está vendo? Faço um muxôxo: U.

NICOLE

É muito bonito.

A SRA. JOURDAIN

É admirável.

O SR. JOURDAIN

Seria bem diferente se vocês tivessem visto o O, o Da, Da, e o Fa, Fa.

A SRA. JOURDAIN

Mas, afinal, que papagaiada é essa?

NICOLE

De que serve tudo isso?

O SR. JOURDAIN

Fico fulo da vida quando vejo mulheres ignorantes.

A SRA. JOURDAIN

O senhor devia era mandar passear tôda essa gente com as suas pataratas.

NICOLE

Principalmente aquêlê trangalhadaças do mestre de esgrima, que enche de poeira a casa tôda.

O SR. JOURDAIN

Olá! Você gosta muito dêsse mestre de esgrima, não? Vou castigar-lhe a impertinência logo, logo. *(Manda trazer os floretes e dá um dêles a Nicole.)* Pronto. Razão demonstrativa, a linha do corpo. Quando a gente ataca em quarta, basta fazer assim, e quando ataca em têrça, basta fazer assim. Eis aí a maneira de nunca ser morto; e não é uma beleza estarmos seguros de nós mesmos quando nos batemos contra alguém? Vamos, ataque-me um pouco para ver.

NICOLE

Assim?

(Nicole atira-lhe diversas estocadas.)

O SR. JOURDAIN

Alto lá! devagar! Diabos carreguem a marota!

NICOLE

O senhor me disse que atacasse.

O SR. JOURDAIN

Sim; mas você ataca em têrça antes de atacar em quarta, e não tem paciência de esperar que eu apare o bote.

A SRA. JOURDAIN

Está doido varrido o senhor meu marido, com tôdas as suas fantasias, e isso lhe deu depois que se meteu a freqüentar a nobreza.

O SR. JOURDAIN

Quando freqüento a nobreza, faço praça do meu discernimento, o que é mais bonito do que freqüentar a sua burguesia.

A SRA. JOURDAIN

Com efeito! Há de lucrar muito o senhor, freqüentando os seus nobres, e saiu-se muito bem com êsse belo Sr. Conde pelo qual se enrabichou.

O SR. JOURDAIN

Silêncio! Pense no que está dizendo. Fique sabendo, senhora minha mulher, que não sabe de quem está falando, quando fala nêle. É uma pessoa muito mais importante do que a senhora supõe, um fidalgo conceituado na côrte, que fala com o Rei como eu lhe falo. Não é para mim extremamente honroso ver-se entrar tão amiúde em minha casa uma pessoa de tanto trato, que me chama seu querido amigo, e me trata como a um igual? Presta-me favores que ninguém seria capaz de imaginar; e, diante de tôda a gente, dá-me provas de afeto que até a mim me confundem.

A SRA. JOURDAIN

Sim, êle presta-lhe favores e dá-lhe provas de afeto; mas toma-lhe o dinheiro emprestado.

O SR. JOURDAIN

Homessa! E não é uma honra para mim emprestar dinheiro a um homem dessa condição? Posso deixar de fazê-lo a um fidalgo que me chama seu querido amigo?

A SRA. JOURDAIN

E que faz pelo senhor êsse fidalgo?

O SR. JOURDAIN

Coisas que espantariam os que as soubessem.

A SRA. JOURDAIN

O quê?

O SR. JOURDAIN

Basta, não posso explicar-me. E se lhe emprestei dinheiro, êle mo devolverá, e não tardará muito.

A SRA. JOURDAIN

Sim, espere por isso.

O SR. JOURDAIN

Naturalmente: não mo disse êle?

A SRA. JOURDAIN

Disse, disse: e não deixará de fazê-lo.

O SR. JOURDAIN

Deu-me a sua palavra de gentil-homem.

A SRA. JOURDAIN

Lorotas.

O SR. JOURDAIN

É bem teimosa, a senhora minha mulher. Digo-lhe que êle cumprirá a sua palavra, tenho certeza.

A SRA. JOURDAIN

E eu tenho certeza de que não cumprirá, e de que tôdas as atenções que lhe dispensa só servem para enganá-lo.

O SR. JOURDAIN

Cale-se: ei-lo aqui.

A SRA. JOURDAIN

Não nos faltava mais nada. Virá, talvez, pedir-lhe um novo empréstimo; e eu, parece-me que tenho a barriga empanzinada quando o vejo.

O SR. JOURDAIN

Cale-se, já lhe disse.

CENA IV — DORANTE, O SR. JOURDAIN, A SRA. JOURDAIN, NICOLE

DORANTE

Meu querido amigo, Sr. Jourdain ⁴⁴, como está passando?

O SR. JOURDAIN

Muito bem, Excelência, para prestar-lhe os meus serviços.

DORANTE

E a Sra. Jourdain, que aí está, como vai passando?

(44) O Sr. de Sotenville precisou a George Dandin que "não é respeitoso chamar as pessoas pelo nome, e aos que se encontram ao lado de nós devemos tratar simplesmente de Senhor" (ato I, cena IV). Dorante é polidamente insolente.

A SRA. JOURDAIN

A Sra. Jourdain vai passando como pode.

DORANTE

E então, Sr. Jourdain? Está muitíssimo bem amanhado.

O SR. JOURDAIN

É como vê Vossa Excelência.

DORANTE

Dá-lhe um magnífico aspecto êsse traje, e nós não temos na côrte mancebos mais bem apessoados.

O SR. JOURDAIN

Ai, ai.

A SRA. JOURDAIN

Êle dá-lhe no fraco.

DORANTE

Vire-se. Está realmentê uma galanteza.

A SRA. JOURDAIN

Sim, tão ridículo visto de trás como de frente.

DORANTE

Palavra, Sr. Jourdain, que eu andava morto por vê-lo. O senhor é o homem que mais estimo no mundo, e ainda hoje cedo falei a seu respeito no quarto do Rei.

O SR. JOURDAIN

Vossa Excelência honra-me em demasia. (*À Sra. Jourdain.*)
No quarto do Rei!

DORANTE

Vamos, cubra-se...

O SR. JOURDAIN

Conheço o respeito que devo a Vossa Excelência.

DORANTE

Santo Deus! cubra-se: nada de cerimônias entre nós, por favor.

O SR. JOURDAIN

Excelência...

DORANTE

Cubra-se, estou-lhe dizendo, Sr. Jourdain: o senhor é meu amigo.

O SR. JOURDAIN

Sou um servidor de Vossa Excelência.

DORANTE

Pois não me cobrirei, enquanto o senhor não se cobrir.

O SR. JOURDAIN

Antes quero ser incivil do que importuno.

DORANTE

Sou seu devedor, como sabe.

A SRA. JOURDAIN

Sabemo-lo até demais.

DORANTE

O senhor me emprestou dinheiro, generosamente, em várias ocasiões, e sem dúvida me serviu com a melhor boa vontade do mundo.

O SR. JOURDAIN

Vossa Excelência está gracejando.

DORANTE

Mas sei restituir o que me emprestam, e reconhecer os favores que me fazem.

O SR. JOURDAIN

Não duvido, Excelência.

DORANTE

Quero acertar os nossos negócios, e aqui estou para fazermos nossas contas.

O SR. JOURDAIN

E então? Está vendo a sua impertinência, mulher?

DORANTE

Gosto de liquidar as minhas dívidas o mais depressa possível.

O SR. JOURDAIN

Eu bem o dizia.

DORANTE

Vejamos o que lhe devo.

O SR. JOURDAIN

Essa é a resposta às suas ridículas desconfianças.

DORANTE

Está o senhor bem lembrado de todo o dinheiro que me emprestou?

O SR. JOURDAIN

Creio que sim. Fiz uma listinha de tudo. Ei-la. Dei-lhe, de uma feita, duzentos luíses.

DORANTE

É verdade.

O SR. JOURDAIN

De outra feita, cento e vinte.

DORANTE

Sim.

O SR. JOURDAIN

E, outra vez, cento e quarenta.

DORANTE

Tem razão.

O SR. JOURDAIN

As três importâncias perfazem quatrocentos e sessenta luíses, que valem cinco mil e sessenta libras.

DORANTE

A conta confere. Cinco mil e sessenta libras.

O SR. JOURDAIN

Mil oitocentas e trinta e duas libras ao seu plumista ⁴⁵.

DORANTE

Certo.

(45) Mercador de plumas para chapéus.

O SR. JOURDAIN

Duas mil setecentas e oitenta libras ao seu alfaiate.

DORANTE

Exato.

O SR. JOURDAIN

Quatro mil trezentas e setenta e nove libras, doze soldos e oito dinheiros ao seu mercador ⁴⁶.

DORANTE

Muito bem. Doze soldos e oito dinheiros: está certa a conta.

O SR. JOURDAIN

E mil, setecentas e quarenta e oito libras, sete soldos e quatro dinheiros ao seu seleiro.

DORANTE

Tudo isso está direito. Quanto dá?

O SR. JOURDAIN

Soma total: quinze mil e oitocentas libras.

DORANTE

Está correta a soma total: quinze mil e oitocentas libras. Ajunte-lhe ainda duzentas pistolas que vai dar-me agora, e eu lhe ficarei devendo precisamente dezoito mil francos, que pagarei na primeira oportunidade.

A SRA. JOURDAIN

E então! Não o tinha eu adivinhado?

O SR. JOURDAIN

Silêncio!

DORANTE

Causa-lhe algum transtôrno dar-me o que falei?

O SR. JOURDAIN

Está visto que não!

(46) Mercador de fazendas, sem dúvida. Os alfaiates não fornecem os panos.

A SRA. JOURDAIN

Esse homem faz do senhor uma verdadeira vaca leiteira.

O SR. JOURDAIN

Cale-se.

DORANTE

Se isso o atrapalha, irei buscá-lo alhures.

O SR. JOURDAIN

Não, Excelência.

A SRA. JOURDAIN

Ele não sossegará enquanto não o tiver arruinado.

O SR. JOURDAIN

Já lhe disse que se calasse.

DORANTE

Basta-lhe dizer-me se isso lhe acarreta algum inconveniente.

O SR. JOURDAIN

Nenhum, Excelência.

A SRA. JOURDAIN

É um verdadeiro intrujão.

O SR. JOURDAIN

Cale-se, de uma vez por tôdas!

A SRA. JOURDAIN

Há de sugá-lo até o último sôlido.

O SR. JOURDAIN

Irra! A senhora cala-se ou não?

DORANTE

Tenho muita gente que folgaria de emprestar-me; mas como o senhor é o meu melhor amigo, cuidei que o agravaria se fôsse pedi-lo a outrem.

O SR. JOURDAIN

Vossa Excelência honra-me sobremaneira. Vou buscar o seu negócio.

A SRA. JOURDAIN

Como! Ainda lhe dará tudo isso?

O SR. JOURDAIN

Que hei de fazer? Posso recusá-lo a um homem de tal condição, que falou a meu respeito, hoje cedo, no quarto do Rei?

A SRA. JOURDAIN

Francamente, é um verdadeiro pateta.

CENA V — DORANTE, A SRA. JOURDAIN, NICOLE

DORANTE

Parece-me assaz melancólica: que tem, Sra. Jourdain?

A SRA. JOURDAIN

Tenho a cabeça maior do que o punho, e não está inchada.

DORANTE

E onde está a senhorita sua filha, que não a vejo?

A SRA. JOURDAIN

A senhorita minha filha está muito bem onde está.

DORANTE

Como anda ela?

A SRA. JOURDAIN

Com as duas pernas.

DORANTE

Não lhe agradaria ir assistir com ela, um desses dias, ao bailado e à comédia que se fazem em palácio ⁴⁷?

A SRA. JOURDAIN

Temos mesmo muita vontade de rir, muita vontade de rir temos nós ⁴⁸.

(47) Sòmente os príncipes e alguns privilegiados assistiam a êsses espetáculos.

(48) A repetição de uma frase, com os seus têrmos invertidos, é, em francês, uma característica popular.

DORANTE

Calculo, Sra. Jourdain, que há de ter tido muitos apaixonados na sua mocidade, bela e bem humorada como era.

NICOLE

Por Nossa Senhora, Sr. Conde, acaso estará decrépita a Sra. Jourdain, e já tôda trêmula?

DORANTE

À minha fé! Peço-lhe perdão, Sra. Jourdain. Já não me lembrava de que é jovem, pois vivo quase sempre no mundo da lua. Rogo-lhe que me releve a impertinência.

CENA VI — O SR. JOURDAIN, A SRA. JOURDAIN,
DORANTE, NICOLE

O SR. JOURDAIN

Aqui estão duzentos luíses bem contados.

DORANTE

Asseguro-lhe, Sr. Jourdain, que sou todo seu, e que morro por prestar-lhe algum serviço na côrte.

O SR. JOURDAIN

Fico-lhe muitíssimo obrigado a Vossa Excelência.

DORANTE

Se a Sra. Jourdain quiser assistir ao entreato real, farei que lhe dêem os melhores lugares da sala.

A SRA. JOURDAIN

A Sra. Jourdain beija-lhe as mãos.

DORANTE, *baixo, a Jourdain*

A nossa bela marquesa, como lhe mandei dizer pelo meu bilhete, não demora, estará aqui para o bailado e o banquete, e consegui, finalmente, persuadi-la a aceitar o presente que o senhor lhe quer dar.

O SR. JOURDAIN

Afastemo-nos um pouco, que é melhor.

DORANTE

Faz oito dias que não o vejo, e não lhe mandei notícias do brilhante que me entregou para oferecer a ela em seu nome; mas foi um custo vencer-lhe os escrúpulos, e só hoje se decidiu a aceitá-lo.

O SR. JOURDAIN

E que tal lhe pareceu?

DORANTE

Maravilhoso; e, ou muito me engano, ou a beleza do brilhante falará em seu favor e produzirá, no espírito dela, um efeito admirável.

O SR. JOURDAIN

Prouvera aos céus!

A SRA. JOURDAIN

Quando se pilha com êle, não o larga mais.

DORANTE

Encareci-lhe, como devia, a riqueza do presente e a grandeza do sentimento que o senhor lhe dedica.

O SR. JOURDAIN

São êsses, Sr. Conde, favores que me confundem; e sinto-me numa confusão medonha ao ver uma pessoa de trato como Vossa Excelência baixar-se, por minha causa, a ponto de fazer o que faz.

DORANTE

O senhor está brincando? Então, entre amigos, podem embaraçar-nos escrúpulos dessa ordem? E não faria o mesmo por mim, se se apresentasse a ocasião?

O SR. JOURDAIN

Sem dúvida nenhuma, e com a melhor boa vontade.

A SRA. JOURDAIN

Como me pesa nos ombros a presença dêle!

DORANTE

Quanto a mim, não olho para nada quando se trata de servir a um amigo; e quando o senhor me confidenciou o ardor

que lhe inspira a agradável marquesa, cuja casa eu freqüentava, viu que, desde o princípio, eu mesmo me ofereci para servir ao seu amor.

O SR. JOURDAIN

É verdade, são favores que me confundem.

A SRA. JOURDAIN

Não irá êle embora?

NICOLE

Sentem-se bem, juntos.

DORANTE

O senhor escolheu o melhor processo para tocar-lhe o coração: as mulheres apreciam sobretudo as despesas que por elas se fazem; e as suas freqüentes serenatas, e os seus contínuos ramalhetes, o soberbo fogo de artifício que ela encontrou no lago, o brilhante que recebeu de sua parte, e o presente que o senhor lhe está preparando, tudo isso fala bem melhor em favor do seu amor do que tôdas as palavras que pudesse dizer-lhe pessoalmente.

O SR. JOURDAIN

Não há despesas que eu não faria se, assim, lograsse encontrar o caminho do seu coração. Uma mulher de trato tem, para mim, encantos irresistíveis, e é uma honra que eu compraria por qualquer preço.

A SRA. JOURDAIN

Que tanto poderão êles estar conversando? Vá você, de mansinho, e preste atenção.

DORANTE

Não tardará o momento em que o senhor há de gozar, a seu talento, do prazer de vê-la, e os seus olhos terão o tempo que quiserem para regalar-se.

O SR. JOURDAIN

Para ficar em completa liberdade, dispus as coisas de modo a que minha mulher vá jantar em casa de minha irmã, onde passará tôda a tarde.

DORANTE

O senhor se houve com prudência, pois sua espôsa poderia estorvar-nos. Já dei, em seu nome, as ordens necessárias ao cozinheiro e já providenciei quanto é preciso para o bailado.

Isso foi idéia minha; e se a execução corresponder à expectativa, estou certo de que se achará...

O SR. JOURDAIN, *percebe que Nicole está escutando e dá-lhe uma bofetada.*

Oh! é muito impertinente! Vamos sair, por favor.

CENA VII — A SRA. JOURDAIN, NICOLE

NICOLE

A minha fé, Senhora, que não me saiu de graça a curiosidade; mas creio que há aí dente de coelho, pois êles estão falando de um negócio em que não querem a sua presença.

A SRA. JOURDAIN

Não é de hoje, Nicole, que ando desconfiada de meu marido. Ou sou a mulher mais enganada do mundo, ou então êle tem algum amor em vista, e vou trabalhar por descobrir o que pode ser. Mas pensemos em minha filha. Você sabe o amor que lhe tem Cléonte. É um homem que me agrada; quero ajudá-lo, e dar-lhe Lucile, se puder.

NICOLE

Na verdade, minha senhora, gosto de vê-la animada desses sentimentos; pois, se o amo lhe agrada, não me desagrade o criado, e eu quisera que o nosso casamento pudesse fazer-se à sombra do dêles,

A SRA. JOURDAIN

Vá falar-lhe de minha parte e diga-lhe que, daqui a pouco, venha procurar-me, para pedirmos juntos a meu marido a mão de minha filha.

NICOLE

Vou voando, minha senhora, com alegria, e não me poderia caber incumbência mais agradável. Palpita-me que darei um alegrão a alguém.

CENA VIII — CLÉONTE, COVIELLE, NICOLE

NICOLE

Ah! chegam a propósito. Sou uma embaixatriz da alegria, e venho...

CLÉONTE

Retira-te, pérfida, e não me venhas embair com as tuas palavras traiçoeiras.

NICOLE

É assim que me recebe...?

CLÉONTE

Retira-te, já disse, e vai dizer imediatamente à infiel da tua ama que nunca mais iludirá o ingênuo Cléonte.

NICOLE

Mas que loucura é essa? Meu pobre Covielle, dize-me, por favor, o que isso significa.

COVIELLE

Teu pobre Covielle, bandidinha! Vamos, arreda-te logo dos meus olhos, vilã, e deixa-me em paz.

NICOLE

Como? tu me vens também...

COVIELLE

Suma das minhas vistas, já te disse, e nunca mais me fales.

NICOLE

Ué! Que vespa terá picado êsses dois? Vamos pôr minha ama a par dessa bela história.

CENA IX — CLÉONTE, COVIELLE

CLÉONTE

Como! Tratar assim um apaixonado, o mais fiel e o mais apaixonado de todos os apaixonados?

COVIELLE

Foi uma coisa medonha o que nos fizeram.

CLÉONTE

Demonstro a uma pessoa todo o ardor e tôda a ternura que se podem imaginar; não amo no mundo senão a ela, e só a

ela dedico todo meu pensamento; nela se concentram todos os meus cuidados, todos os meus desejos, tôda a minha alegria; só falo nela, só penso nela, só sonho com ela, só respiro por ela, meu coração vive inteirinho dela: e aí está a digna recompensa de tamanho afeto! Passo sem vê-la dois dias, que são para mim dois séculos tenebrosos: topo com ela por acaso; à sua vista, sente-se-me o coração transportado de gozo, transparece-me o júbilo no rosto, precipito-me, num arrebatamento, para ela; e a perjura desvia os olhos de mim, e passa depressa, como se nunca me tivesse visto na vida!

COVIELLE

E eu digo as mesmíssimas coisas.

CLÉONTE

Pode-se lá imaginar algo semelhante, Covielle, a essa perfida da ingrata Lucile?

COVIELLE

E a essa da malvada Nicole, senhor?

CLÉONTE

Depois de tantos ardentes sacrifícios, suspiros, e juras que fiz aos seus encantos!

COVIELLE

Depois de tantas assíduas homenagens, cuidados e serviços que lhe prestei na cozinha!

CLÉONTE

Tantas lágrimas que verti sôbre os joelhos dela!

COVIELLE

Tantos baldes de água que tirei do poço para ela!

CLÉONTE

Tanto ardor que demonstrei no querer-lhe mais que a mim mesmo.

COVIELLE

Tanto calor que suportei, girando o espêto em seu lugar!

CLÉONTE

Ela me foge com desdém!

MOLIÈRE

COVIELLE

Ela me vira as costas com descaro.

CLÉONTE

É uma perfídia digna dos maiores castigos.

COVIELLE

É uma traição que merece mil bofetadas.

CLÉONTE

Rogo-lhe que nunca se lembre de falar-me em favor dela.

COVIELLE

Eu, senhor! Deus me livre!

CLÉONTE

Não me venha desculpar o gesto dessa infiel.

COVIELLE

Não tenha medo.

CLÉONTE

De nada servirão quaisquer discursos que venha a fazer para defendê-la.

COVIELLE

E quem é que está pensando nisso?

CLÉONTE

Quero conservar contra ela o meu ressentimento, e romper com ela quaisquer relações.

COVIELLE

De pleno acôrdo.

CLÉONTE

O tal Sr. Conde que vai à casa dela talvez lhe tenha dado na vista; e vejo que o seu espírito se deixa deslumbrar pela sua alta estirpe. Mas preciso, por amor a minha honra, prevenir o escândalo da sua inconstância. Darei os mesmos passos que ela no caminho de transformações em que a vejo correr, e não lhe deixarei a glória de deixar-me.

O BURGUEZ FIDALGO

COVIELLE

O senhor falou muito bem e eu partilho, por minha conta, de todos os seus sentimentos.

CLÉONTE

Sustente você o meu despeito, e apóie a minha resolução contra todos os restos de amor que me poderiam falar em favor dela. Diga-me dela, por misericórdia, todo o mal que puder; trace-me, da sua pessoa, um retrato que me inspire repugnância; e acentue bem, para anoiar-me, todos os defeitos que enxerga nela.

COVIELLE

Ela, meu senhor, não passa de uma lambisgóia, de uma rematada presumida, que não pode inspirar-lhe tanto amor! Não lhe vejo senão uma grande mediocridade, e o senhor encontrará cem criaturas mais dignas do seu amor. Em primeiro lugar, tem os olhos pequenos.

CLÉONTE

É verdade, tem os olhos pequenos; mas tem-nos cheios de fogo, os mais brilhantes, os mais penetrantes do mundo, os mais enternecedores que se podem ver.

COVIELLE

A boca é grande.

CLÉONTE

Sim; mas nela se vêem graças que não se encontram em outras bocas; e, sendo a mais atraente e a mais amorosa do mundo, inspira desejos a quem quer que a veja.

COVIELLE

No tocante ao tamanho, não é alta.

CLÉONTE

Não, mas é cheinha de corpo e bem feita.

COVIELLE

Afeta negligência no falar e no portar-se.

CLÉONTE

É verdade; mas tem muita graça em tudo isso, e os seus modos insinuantes têm não sei que encanto que se nos insinua pelo coração a dentro.

COVIELLE

Quanto ao espírito...

CLÉONTE

Ah! isso ela tem, Covielle, o mais fino, o mais delicado.

COVIELLE

A sua conversação...

CLÉONTE

A sua conversação é encantadora.

COVIELLE

Está sempre séria.

CLÉONTE

E queria você que tivesse essas jovialidades expansivas, essas alegrias sempre à mão? Haverá, porventura, coisa mais impertinente do que mulheres que se riem a propósito de tudo?

COVIELLE

Mas, enfim, é a pessoa mais caprichosa do mundo.

CLÉONTE

Sim, é caprichosa, estou de acôrdo; mas tudo fica bem às formosas, e delas tudo se suporta.

COVIELLE

Se é assim o negócio, bem vejo que o senhor está disposto a amá-la para sempre.

CLÉONTE

Prefiro morrer; e hei de odiá-la quanto a amei.

COVIELLE

De que maneira, se lhe parece tão perfeita?

CLÉONTE

Nisso é que será mais retumbante a minha vingança, nisso hei de mostrar melhor a fôrça do meu coração, odiando-a, deixando-a, por mais bela, por mais amável, por mais cheia de atractivos que se me afigure. Ei-la que chega.

CENA X — CLÉONTE, LUCILE, COVIELLE, NICOLE

NICOLE

Pois eu fiquei tôda escandalizada.

LUCILE

Não pode ser, Nicole, senão o que lhe digo. Mas ei-lo ali.

CLÉONTE

Nem quero falar com ela.

COVIELLE

E eu pretendo imitá-lo.

LUCILE

Que foi, Cléonte? Que tens?

NICOLE

Que tens tu, Covielle?

LUCILE

Que desgosto te punge?

NICOLE

De onde te vem o mau humor?

LUCILE

Estás mudo, Cléonte?

NICOLE

Perdeste a língua, Covielle?

CLÉONTE

Quanta infâmia!

COVIELLE

Digna de Judas!

LUCILE

Percebo que o encontro de há pouco te turbou o espírito.

CLÉONTE

Ah! ah! Agora ela percebe o que fêz.

NICOLE

A nossa acolhida de hoje cedo fêz-te subir a serra.

COVIELLE

Descobriu-se a encravadura.

LUCILE

Não é verdade, Cléonte, que é êsse o motivo do teu enfado?

CLÉONTE

Sim, pérfida, é êsse mesmo, já que é preciso falar; e devo dizer-te que não triunfarás como estás pensando da tua infidelidade, e que tenciono ser o primeiro a romper relações contigo, e que não terás o privilégio de mandar-me passear. Ser-me-á dificultoso, sem dúvida, vencer o amor que te dedico, isso me trará desgostos, sofrerei durante algum tempo; mas acabarei vencendo, e quero antes varar o coração do que ter a fraqueza de voltar para ti.

COVIELLE

Idem, na mesma data.

LUCILE

Estás fazendo uma tempestade num copo d'água. Quero contar-te, Cléonte, o motivo por que te evitei hoje cedo.

CLÉONTE

Não, não quero escutar nada.

NICOLE

Quero explicar-te a causa que nos fêz passar tão depressa.

COVIELLE

Não quero ouvir coisa alguma.

LUCILE

Sabe que hoje cedo...

CLÉONTE

Não, já disse.

NICOLE

Fica sabendo que...

COVIELLE

Não, traidora.

LUCILE

Escuta.

CLÉONTE

Nada disso.

NICOLE

Deixa-me dizer.

COVIELLE

Estou surdo.

LUCILE

Cléonte.

CLÉONTE

Não.

NICOLE

Covielle.

COVIELLE

Nada.

LUCILE

Espera.

CLÉONTE

Mentiras.

NICOLE

Escuta.

COVIELLE

Lorotas.

LUCILE

Um momento.

CLÉONTE

Nada disso.

NICOLE

Um pouco de paciência.

COVIELLE

Neca.

LUCILE

Duas palavras.

CLÉONTE

Não, está acabado.

NICOLE

Uma palavra.

COVIELLE

Encerrou-se o assunto.

LUCILE

Pois bem! Já que não queres ouvir-me, pensa o que queres e faze o que bem entenderes.

NICOLE

Já que fazes assim, entende-o como te aprouver.

CLÉONTE

Saibamos, pois, o motivo de tão bela acolhida.

LUCILE

Agora já não me apraz dizê-lo.

COVIELLE

Conta-nos a história.

NICOLE

Não quero mais contar-te.

CLÉONTE

Dize-me...

LUCILE

Não, não digo nada.

COVIELLE

Conta-me...

NICOLE

Não, não conto nada.

CLÉONTE

Por favor.

LUCILE

Não, já disse.

COVIELLE

Por caridade.

NICOLE

Nada feito.

CLÉONTE

Suplico-te.

LUCILE

Deixa-me.

COVIELLE

Eu te conjuro.

NICOLE

Sai daí.

CLÉONTE

Lucile.

LUCILE

Não.

COVIELLE

Nicole.

NICOLE

Nada.

CLÉONTE

Em nome dos Deuses!

LUCILE

Não quero.

COVIELLE

Fala-me.

NICOLE

De jeito nenhum.

CLÉONTE

Esclarece-me as dúvidas.

LUCILE

Não esclareço coisa nenhuma.

COVIELLE

Cura-me o espírito.

NICOLE

Não, não curo.

CLÉONTE

Muito bem! Já que não fazes questão de desoprimir-me, e de justificar o indigno tratamento que dispensaste à minha chama, estás a ver-me, ingrata, pela última vez, e irei, longe de ti, morrer de dor e de amor.

COVIELLE

E eu, vou seguir-lhe os passos.

LUCILE

Cléonte.

NICOLE

Covielle.

CLÉONTE

Que foi?

Que aconteceu? COVIELLE
 Aonde vais? LUCILE
 Aonde eu já te disse. CLÉONTE
 Vamos morrer. COVIELLE
 Morrerás, Cléonte? LUCILE
 Sim, cruel, porque assim o queres. CLÉONTE

Eu quero que morras? LUCILE
 Queres, sim. CLÉONTE

Quem foi que disse? LUCILE
 E não é querê-lo o não querer esclarecer minhas suspeitas? CLÉONTE

LUCILE
 E a culpa é minha? Se tivesses querido escutar-me, não te houvera eu já dito que a aventura de que te queixas foi causada, hoje cedo, pela presença de uma tia velha, que quer, por tôda lei, que a simples aproximação de um homem desonre uma môça, que vive a pregar-nos sermões nesse sentido, e nos descreve todos os homens como demônios dos quais urge fugir?

NICOLE
 Aí está o segrêdo do negócio.

CLÉONTE
 Não me estás enganando, Lucile?

COVIELLE
 Não me estás fazendo de bôbo?

LUCILE
 Não há nada de mais verdadeiro.

NICOLE
 É a coisa como ela é.

COVIELLE
 Aceitamos as explicações!

CLÉONTE
 Ah! Lucile, como sabes, com uma palavra da tua bôca, apaziguar tanta coisa em meu coração! E como facilmente nos deixamos persuadir pelas pessoas que amamos!

COVIELLE
 Como nos levam facilmente no bico os diabos dêsses animais!

CENA XI — A SRA. JOURDAIN, CLÉONTE, LUCILE, COVIELLE, NICOLE

A SRA. JOURDAIN

Folgo muito em vê-lo, Cléonte, e a sua chegada não poderia ser mais oportuna. Meu marido vem vindo; aproveite depressa a ocasião para pedir-lhe Lucile em casamento.

CLÉONTE
 Ah! Senhora, como me é doce essa palavra, e como vem ao encontro dos meus desejos! Poderia eu, acaso, receber ordem mais encantadora, mais precioso favor?

CENA XII — O SR. JOURDAIN, A SRA. JOURDAIN, CLÉONTE, LUCILE, COVIELLE, NICOLE

CLÉONTE
 Senhor, eu não quis incumbir ninguém de fazer-lhe um pedido em que venho pensando há muito tempo. O assunto me é tão caro que eu mesmo me encarrego dêle; e, sem mais rodeios, lhe direi que a honra de ser seu genro é um favor glorioso que lhe rogo conceder-me.

O SR. JOURDAIN

Antes de dar-lhe qualquer resposta, cavalheiro, peço-lhe que me diga se é fidalgo.

CLÉONTE

Senhor, a maioria das pessoas pouco hesita a êsse respeito. Responde categoricamente. Ninguém sente escrúpulos em apropriar-se do título, e o uso que dêle hoje se faz parece autorizar-lhe o furto. No que me concerne, confesso que tenho sentimentos um pouco mais delicados sôbre o assunto: sou de parecer que tôda e qualquer impostura é indigna de um homem honrado, e que há covardia em querermos mascarar a origem que o próprio Céu nos impôs, em paramentarmo-nos aos olhos da sociedade com um título expropriado, em querermos passar pelo que não somos. Meus pais, sem dúvida, desempenharam cargos honrosos. Conquistei no exército a honra de seis anos de serviços, e possuo o suficiente para ocupar na sociedade um lugar bastante aceitável. A despeito, porém, de tudo isso, não posso usar um título que outros, em meu lugar, se julgariam com o direito de pretender, e francamente lhe direi que não sou fidalgo.

O SR. JOURDAIN

Aprovado. Aperte a minha mão, senhor ⁴⁹; mas minha filha não é para o seu bico.

CLÉONTE

Como?

O SR. JOURDAIN

O senhor não é fidalgo, não terá minha filha.

A SRA. JOURDAIN

Que significa essa história de fidalgo? Acaso descendemos nós da costela de S. Luís ⁵⁰?

O SR. JOURDAIN

Cale-se, mulher: já vejo onde quer chegar.

(49) Encontra-se êste jôgo de cena em *Les Galantes Ridicules* de Chevalier (1662), cena VI.

(50) Expressão proverbial, que faz pensar em Eva tirada da costela de Adão.

A SRA. JOURDAIN

Não descendemos da boa burguesia?

O SR. JOURDAIN

Que mania de caluniar os outros!

A SRA. JOURDAIN

E seu pai não era mercador, como o meu?

O SR. JOURDAIN

Maldita seja a mulher! Nunca perde vaza. Se o seu pai era mercador, tanto pior para êle; mas, no que respeita ao meu, só os imprudentes é que o dizem. Digo-lhe apenas que quero ter um genro fidalgo.

A SRA. JOURDAIN

Sua filha precisa de um marido que lhe convenha, e mais vale para ela um homem honrado, rico e bem apessoado, que um fidalgo pronto e manquitola.

NICOLE

Isso é verdade. O filho do fidalgo da nossa aldeia é o sujeito mais desengonçado e mais parvo que já vi.

O SR. JOURDAIN

Cale-se, impertinente. Você está sempre metida na conversação. Tenho dinheiro que farte para minha filha; só preciso de distinção, e quero fazê-la marquesa.

A SRA. JOURDAIN

Marquesa?

O SR. JOURDAIN

Sim, marquesa.

A SRA. JOURDAIN

Ai de mim! Deus me livre!

O SR. JOURDAIN

É coisa resolvida.

A SRA. JOURDAIN

Pois é coisa em que não consentirei. As alianças com pessoas mais altamente colocadas do que a gente estão sempre sujeitas a desastrosos inconvenientes. Não quero que um gen-

ro possa criticar-me a filha por causa dos pais, e que os seus filhos se envergonhem de chamar-me vovó. Se lhe acontecesse vir visitar-me com uma equipagem de grande dama e, por acaso, se esquecesse de cumprimentar alguém do bairro, viriam logo os vizinhos com cem baboseiras. "Estão vendo, diriam, essa Senhora Marquesa que se dá ares de tanta importância? É a filha do Sr. Jourdain, que, quando pequena, se dava por muito feliz de brincar conosco de casinha. Nem sempre foi tão importante assim, e os avós vendiam pano ao pé da porta dos Santos Inocentes⁵¹. Ajuntaram dinheiro para os filhos, que agora hão de estar pagando bem caro no outro mundo, pois ninguém fica rico assim com honestidade." Não quero saber dêsses falatórios, e, numa palavra, quero um homem que me agradeça a filha que lhe dou, e a quem eu possa dizer: "Sente-se ali, meu genro, e jante comigo".

O SR. JOURDAIN

É próprio de um espírito mesquinho não querer erguer-se da baixaza. Não torne a replicar-me: minha filha será marquesa a despeito de todo mundo; e se me enfezarem, fá-la-ei duquesa.

A SRA. JOURDAIN

Não desanime ainda, Cléonte. Siga-me, minha filha, e venha dizer resolutamente a seu pai que, a não ser Cléonte, você não desposará ninguém.

CENA XIII — CLÉONTE, COVIELLE

COVIELLE

Em boa se meteu o senhor com os seus belos sentimentos.

CLÉONTE

Que quer você? Tenho escrúpulos a êsse respeito, que o exemplo não alcançaria vencer.

COVIELLE

Mas só brincando se podem levar as coisas a sério com um homem assim. Não vê que é louco? E porventura lhe custaria alguma coisa acomodar-se às suas fantasias?

(51) A porta do cemitério dos Santos Inocentes, no bairro do Mercado, e não uma das portas da cidade.

CLÉONTE

Tem razão; mas eu não cuidava que fôsse preciso fazer prova de nobreza para ser genro do Sr. Jourdain.

COVIELLE

Ah! ah! ah!

CLÉONTE

De que é que você está rindo?

COVIELLE

De uma idéia que me ocorreu para enganar o nosso homem, e fazer que o senhor consiga o que deseja.

CLÉONTE

Como?

COVIELLE

A idéia é engraçadíssima.

CLÉONTE

Mas qual é?

COVIELLE

Apareceu, há pouco tempo, certa mascarada, que aqui viria a calhar, e que pretendo incluir em uma peça que hei de pregar ao nosso ridículo homem. A história é meio cômica, mas com êle pode-se arriscar tudo, não é preciso ter muitas cerimônias, que é homem para desempenhar às mil maravilhas o seu papel, e aceitar facilmente tôdas as patacoadas que se lhe impingirem. Tenho os atôres e tenho as roupas prontinhas: basta que o senhor me dê licença.

CLÉONTE

Conte-me...

COVIELLE

Vou contar-lhe tudo. Mas retiremo-nos, que êle vem voltando.

CENA XIV — O SR. JOURDAIN, *Lacai*

O SR. JOURDAIN

Que diabo! A única coisa que me argüem é o meu amor pelos fidalgos; e não me parece haver nada mais belo do que

freqüentá-los: só se vêem distinção e civilidade entre êles, e eu quisera ter nascido com menos dois dedos na mão, mas ter nascido conde ou marquês.

LACAIO

Senhor, aí está o Sr. Conde, e uma dama que êle traz pela mão.

O SR. JOURDAIN

Oh! meu Deus! ainda tenho ordens para dar. Diga-lhes que não me demoro.

CENA XV — DORIMÈNE, DORANTE, *Lacaio*.

LACAIO

O patrão mandou dizer que não se demora.

DORANTE

Está muito bem.

DORIMÈNE

Não sei, Dorante, mas ainda agora sinto estar dando um passo estranho, deixando-me trazer por sua mão a uma casa onde não conheço ninguém.

DORANTE

Que lugar quer então a senhora que escolha o meu amor para dar-lhe uma festa, se, a fim de evitar o escândalo, não permite que o faça em sua casa, nem na minha?

DORIMÈNE

Mas não lhe parece que me comprometo insensivelmente, todos os dias, aceitando provas demasiadas da sua paixão? Por mais que eu me defenda, o senhor cansa-me a resistência, e a sua polida obstinação leva-me a ceder paulatinamente a todos os seus desejos. Começaram as visitas freqüentes; vieram depois as declarações, atrás das quais surgiram as serenatas e os mimos, seguidos dos presentes. A tudo isso me opus, mas o senhor não descoroçoou e, pouco a pouco, vai vencendo as minhas resoluções. Quanto a mim, já não posso responder por mais nada, e creio que, afinal, acabarei chegando ao casamento, de que tanto me afastara.

DORANTE

A minha fé, senhora, que já deveria ter chegado. É viúva e não depende de ninguém. Sou senhor de mim mesmo e quero-lhe mais do que à própria vida. Que impede que, desde hoje, faça de mim o mais feliz dos homens?

DORIMÈNE

Por Deus! Dorante, é mister que de ambos os lados haja muitas qualidades para que duas pessoas possam viver felizmente juntas; e as duas pessoas mais sensatas do mundo encontram, amiúde, sérias dificuldades no compor uma união satisfatória.

DORANTE

A senhora está gracejando ao figurar tamanhas dificuldades; e a sua primeira experiência não pode servir de base às demais.

DORIMÈNE

Por fim, chego sempre ao mesmo ponto: inquietam-me por dois motivos as despesas que o vejo fazer por minha causa: primeiro, que me comprometem mais do que eu desejara; segundo, que tenho a certeza, sem querer desagradar-lhe, de que o senhor não pode fazê-las sem que elas lhe acarretem dificuldades de dinheiro; e não quero saber disso.

DORANTE

Ah! minha senhora, são frioleiras; e não é por isso...

DORIMÈNE

Sei o que estou dizendo; e, entre outros, o brilhante que me obrigou a aceitar é de um preço...

DORANTE

Por misericórdia, não empreste tanto valor a uma coisa que ao meu amor se afigura indigna da senhora; e permita... Aí vem o dono da casa.

CENA XVI — O SR. JOURDAIN, DORIMÈNE, DORANTE, *Lacaio*.

O SR. JOURDAIN, encontrando-se muito perto de Dorimène, depois de haver feito duas reverências.

Afaste-se um pouco, minha senhora.

DORIMÈNE

Como?

O SR. JOURDAIN

Um passinho só, por favor.

DORIMÈNE

Mas, que é isso?

O SR. JOURDAIN

Recue um pouco, para a terceira.

DORANTE

Minha senhora, o Sr. Jourdain conhece os usos da boa sociedade.

O SR. JOURDAIN

Minha senhora, é uma glória imensa para mim ver-me tão ditoso por ser tão feliz de ter tido a felicidade de que Vossa Excelência teve a bondade de conceder-me a graça de me fazer a honra de honrar-me com o favor da sua presença; e tivesse eu também o mérito de merecer um mérito como o seu, e o Céu... invejoso da minha sorte... me concedesse... o privilégio de me ver digno... dos...

DORANTE

Isso é o bastante, Sr. Jourdain: a Sra. Marquesa não aprecia os grandes cumprimentos, e sabe que o senhor é um homem de espírito. (*Baixo, a Dorimène.*) É um bom burguês, profundamente ridículo, como vê, em todos os seus gestos.

DORIMÈNE

Não é difícil percebê-lo.

DORANTE

Minha senhora, aqui está o melhor dos meus amigos.

O SR. JOURDAIN

Honra-me sobremodo Vossa Excelência.

DORANTE

Um perfeito homem de bem.

DORIMÈNE

Tenho-lhe muita estima.

O SR. JOURDAIN

Ainda não fiz nada, minha senhora, para merecer-lhe essa graça.

DORANTE, *baixo, ao Sr. Jourdain.*

E muito cuidadinho, ao menos, para não lhe falar do brilhante que lhe mandou.

O SR. JOURDAIN

Não posso nem perguntar-lhe como o achou?

DORANTE

Como? De maneira nenhuma: seria muito mal feito de sua parte; e para proceder como homem de bem, o senhor deve portar-se como se não fôsse o autor do presente⁵². O Sr. Jourdain, minha senhora, está dizendo que se sente encantado por vê-la em sua casa.

DORIMÈNE

É muita honra que me faz.

O SR. JOURDAIN

Não calcula o quanto lhe fico grato, Sr. Conde, por falar assim em meu nome!

DORANTE

Não imagina o quanto me custou persuadi-la a vir aqui.

O SR. JOURDAIN

Nem sei como hei de agradecer-lhe.

DORANTE

Ele está dizendo, minha senhora, que a considera a pessoa mais formosa do mundo.

DORIMÈNE

É muita bondade sua.

O SR. JOURDAIN

Minha senhora, a bondade é sua; e...

(52) O mesmo ardil descrito em uma farsa de Gros-Guillaume e de Turlupin, representada no Palácio de Borgonha, em 1617.

DORANTE

Tratemos de comer.

LACAIO

Está tudo pronto, senhor.

DORANTE

Sentemo-nos, portanto, à mesa, e mandemos vir os músicos.

(Seis cozinheiros, que prepararam o festim, dançam em conjunto, o que constitui o terceiro intermédio; concluído o intermédio, trazem uma mesa coberta de várias iguarias.)

ATO IV

CENA I — DORIMÈNE, DORANTE, O SR. JOURDAIN,
DOIS CANTORES, UMA CANTORA, *Lacaios*

DORIMÈNE

Parabéns, Dorante! Eis aí um banquete simplesmente magnífico!

O SR. JOURDAIN

Vossa Excelência está gracejando, e eu quisera que êle fôsse mais digno de ser-lhe oferecido.

(Sentam-se todos à mesa.)

DORANTE

Tem razão o Sr. Jourdain, minha senhora, de falar assim, e muito me penhora permitindo-me fazer-lhe tão bem as honras de sua casa⁵³. Concordo com êle em que o banquete não é digno de Vossa Excelência. Como fui eu quem o encomen-

(53) Neste curiosíssimo discurso, dá Molière um belo exemplo do estilo de um gastrônomo técnico e poeta. Os prazeres da mesa e a arte de bem comer apaixonavam a côrte de Luís XIV. São conhecidos o suicídio de Vatel e o famoso retrato de Cliton, traçado por La Bruyère.

dei, e como me faltam sôbre o assunto as luzes dos nossos amigos, não encontrará aqui um simpósio muito sábio e nêle topará com solecismos de boa mesa e barbarismos de bom gôsto⁵⁴. Se dêle houvesse participado Damis, estaria tudo de acôrdo com as regras; em tudo haveria elegância e erudição, e êle mesmo não deixaria de encarecer-lhe os pratos do festim que lhe oferecesse, e a persuadiria da sua grande capacidade na ciência dos bons petiscos, e lhe falaria em um pão tostado nas bordas, de bisel dourado, sem côdea, macio de trincar-se; em um vinho grato ao paladar, e de sabor não muito acre, em um pedaço de carneiro condimentado com salsa; em um lombo de vitela normanda, dêste tamanho, branco, delicado, e que entre os dentes é uma verdadeira massa de amêndoas; em perdizes regadas de um môlho surpreendente; e como sua obra-prima, em uma sopa cujo caldo se diria aljofrado de pérolas, reforçado por um peru nôvo e gordo entroxado de borrachos e coroado de cebolas brancas, combinadas com chicória. Mas, quanto a mim, confesso a minha ignorância; e como disse muito bem o Sr. Jourdain, eu quisera que o banquete fôsse mais digno de ser-lhe oferecido.

DORIMÈNE

Respondo ao cumprimento comendo como o estou fazendo.

O SR. JOURDAIN

Ah! que lindas mãos!

DORIMÈNE

As mãos são mediôcres, Sr. Jourdain; mas o senhor, naturalmente, alude ao brilhante, que é bellissimo.

O SR. JOURDAIN

Eu, minha senhora! Deus me livre de aludir; não seria proceder como homem de bem, e o brilhante até que é ordinário.

DORIMÈNE

O senhor é muito difícil de contentar.

O SR. JOURDAIN

É muita bondade sua...

(54) O *solecismo* é um êrro de gramática, e o *barbarismo*, um vício de linguagem.

DORANTE

Vamos, sirva-se o vinho ao Sr. Jourdain, e a êstes senhores, que nos farão o obséquio de cantar uma ária báquica.

DORIMÈNE

É temperar maravilhosamente a boa mesa o ajuntar-lhe a música, e aqui me vejo admiravelmente obsequiada ⁵⁵.

O SR. JOURDAIN

Minha senhora, não é...

DORANTE

Sr. Jourdain, prestemos atenção a êstes senhores; o que êles nos dirão será muito melhor do que tudo o que possamos dizer.

(Os Cantores e a Cantora travam dos copos, cantam duas canções báquicas e são sustentados por tôda a sinfonia.)

PRIMEIRA CANÇÃO BÁQUICA

*Um dedinho, ó Fílis, para me dar valor ⁵⁶.
Como a taça em tuas mãos tem fascínios incríveis!
Somadas, vossas armas são irresistíveis,
E sinto, pelas duas, redobrar meu amor:
Juremos os três, juremos sem mal,
Um ardor imortal.*

*Que ao te molhar a bôca, lhe aspire a magia
É por ela se veja a tua bôca mais bela!
Quero-a por ti e quero-te também por ela,
E de ambas me embriago com doida alegria:
Juremos os três, juremos sem mal,
Um ardor imortal.*

SEGUNDA CANÇÃO BÁQUICA

*A beber, amigo, a beber
O tempo foge e nos convida;
Aproveitemos a vida*

(55) Nos jantares públicos de Luís XIV tocavam os violinistas do rei. Comer com música era moda naquele tempo.

(56) Um dedo de vinho, para iniciar a rodada entre os convivas.

*Folguemos a mais não poder.
Entrado o negro caminho,
Adeus, ó vinho, adeus, amôres;
Bebamos sem pejo, senhores,
Que nem sempre se bebe o vinho.*

*Deixemos falar os tolos
Sôbre a ventura da vida;
Que a regra nossa querida
Qué-la entre sorvos e golos.
Dinheiro, saber e glória
Não nos quitam de cuidados,
E só nos copos alados
Achamos paz e vitória.*

*Servi, ó moços, servi os vinhos de tôda casta,
Só pareis de servir se vos disserem basta.*

DORIMÈNE

Não creio que se possa cantar melhor, e tudo isto é bellíssimo.

O SR. JOURDAIN

Mas vejo aqui, minha senhora, algo ainda mais belo.

DORIMÈNE

Ora, viva! O sr. Jourdain é ainda mais galante do que eu o supunha.

DORANTE

Como, minha senhora? por quem toma o Sr. Jourdain?

O SR. JOURDAIN

Eu bem quisera que ela me tomasse pelo que eu dissesse.

DORIMÈNE

Sim, senhor!

DORANTE

Vossa Excelência não conhece o Sr. Jourdain.

O SR. JOURDAIN

Ela me conhecerá quando lhe aprover.

DORIMÈNE

Oh! desisto.

DORANTE

É um homem que tem sempre a resposta na ponta da língua. Não observou ainda, minha senhora, que o Sr. Jourdain está comendo todos os pedaços tocados por Vossa Excelência?

DORIMÈNE

O Sr. Jourdain é um homem que me seduz.

O SR. JOURDAIN

Se eu pudesse seduzir-lhe o coração, seria...

CENA II — A SRA. JOURDAIN, O SR. JOURDAIN,
DORIMÈNE, DORANTE, *Cantores, Cantora, Lacaíes*

A SRA. JOURDAIN ⁵⁷

Ah! ah! que bela tropa encontro aqui, e, pelo que vejo, não me esperavam. Foi, então, por causa dessa linda festinha que o senhor seu marido fez tamanha diligência para que eu fôsse jantar em casa de minha irmã? Acabo de encontrar um teatro ⁵⁸ lá embaixo, e topo aqui com esta patuscada. Assim gasta o senhor o seu dinheiro, e assim banqueteia as damas em minha ausência, e lhes oferece música e comédia, enquanto me manda passear?

DORANTE

Que quer dizer, Sra. Jourdain? E que fantasias são essas, de imaginar que seu marido está gastando o dinheiro dêle e que é êle quem oferece êste banquete à senhora? Fique sabendo, por favor, que sou eu; êle apenas me emprestou a casa, e a senhora devia pensar um pouco melhor no que diz.

O SR. JOURDAIN

É isso mesmo, impertinente, é o Sr. Conde quem oferece tudo isto à Sra. Marquesa, que é pessoa de trato. Êle deu-me a honra de aceitar a minha casa e de querer-me em sua companhia.

(57) Idêntica situação na *Asinaria* de Plauto, verso 866 e seguintes.

(58) Armado por Covielle para a cerimônia turca.

A SRA. JOURDAIN

Tudo isso são potocas: eu sei o que sei.

DORANTE

Mande fazer uns óculos melhores, Sra. Jourdain.

A SRA. JOURDAIN

Não preciso de óculos, senhor, e enxergo perfeitamente; há muito tempo que venho sentindo as coisas, e não sou tapada. O senhor procede muito mal, como grande fidalgo, apoiando, como o faz, as asneiras de meu marido. E quanto à senhora, como grande dama que é, não lhe fica bem nem é direito trazer a dissensão ao seio de um casal e permitir que meu marido lhe arraste a asa.

DORIMÈNE

Mas que significa tudo isto? Francamente, Dorante, o senhor está brincando, expondo-me às tôlas visões dessa extravagante.

DORANTE

Minha senhora, olá! Minha senhora, aonde vai?

O SR. JOURDAIN

Minha senhora! Sr. Conde, apresente-lhe as minhas desculpas, e procure trazê-la de volta... Ah! impertinente, eis aí o resultado das suas façanhas; vem afrontar-me diante de tôda a gente, e expulsa de minha casa pessoas de trato.

A SRA. JOURDAIN

Pouco se me dá que sejam pessoas de trato.

O SR. JOURDAIN

Não sei o que me segura, maldita, que não lhe arrebento o focinho com os restos do banquete que veio perturbar.

(*Tira-se a mesa.*)

A SRA. JOURDAIN, *saindo.*

Isso pouco me importa. São os meus direitos que estou defendendo, e terei ao meu lado tôdas as mulheres.

O SR. JOURDAIN

Faz bem de fugir-me à cólera. Ela não poderia ter chegado em momento pior. Eu estava de maré para dizer lindas coisas, e nunca me havia sentido com tanto espírito. Mas que será isso?

CENA III — COVIELLE, disfarçado ⁵⁹, O SR. JOURDAIN,
Lacaio.

COVIELLE

Não sei se tenho a honra de ser conhecido de Vossa Excelência.

O SR. JOURDAIN

Não tem, não, senhor.

COVIELLE

Vi-o quando Vossa Excelência era dêste tamanhinho.

O SR. JOURDAIN

A mim!

COVIELLE

Sim, senhor, Vossa Excelência era a mais linda criança do mundo, e tôdas as damas pegavam-no ao colo para beijá-lo.

O SR. JOURDAIN

Para beijar-me!

COVIELLE

Sim, senhor. Fui grande amigo do finado pai de Vossa Excelência.

O SR. JOURDAIN

Do finado meu pai!

COVIELLE

Sim, senhor. Um honradíssimo fidalgo.

O SR. JOURDAIN

Que é o que o senhor está dizendo?

(59) *Disfarçado de viajante* (edição de 1682).

COVIELLE

Estou dizendo que era um honradíssimo fidalgo.

O SR. JOURDAIN

Meu pai!

COVIELLE

Sim, senhor.

O SR. JOURDAIN

E conheceu-o bem?

COVIELLE

De certo.

O SR. JOURDAIN

E conheceu-o como fidalgo?

COVIELLE

Sem dúvida.

O SR. JOURDAIN

Pois então não sei como é feito o mundo.

COVIELLE

Como?

O SR. JOURDAIN

Há uns pataratas que querem convencer-me de que êle era mercador.

COVIELLE

Êle, mercador? Pura calúnia, nunca o foi. A única coisa que fazia, por ser muito obsequioso, muito serviçal, e por entender muitíssimo de fazendas, era sair em cata delas por tôda parte, mandar levá-las à sua casa, e dá-las aos amigos por dinheiro.

O SR. JOURDAIN

Tenho imenso prazer em conhecê-lo, a fim de que o senhor preste o testemunho de que meu pai era fidalgo.

COVIELLE

Hei de afirmá-lo perante todo o mundo.

O SR. JOURDAIN

Ficar-lhe-ei muito grato. Qual é o motivo da sua visita?

COVIELLE

Depois de haver conhecido o finado senhor seu pai, honrado fidalgo, como já disse, viajei pelo mundo inteiro.

O SR. JOURDAIN

Pelo mundo inteiro!

COVIELLE

Sim, senhor.

O SR. JOURDAIN

Isso deve ser longe pra burro!

COVIELLE

Seguramente. Faz apenas quatro dias que regressei das minhas longas andanças; e pelo interêsse que dedico a quanto diz respeito a Vossa Excelência, venho anunciar-lhe a melhor notícia do mundo.

O SR. JOURDAIN

Qual?

COVIELLE

Sabe Vossa Excelência que está aqui o filho do Grão-Turco?

O SR. JOURDAIN

Eu? Não.

COVIELLE

Como, não? Ele traz um séquito simplesmente magnífico; todo o mundo vai vê-lo, e foi recebido neste país como fidalgo de importância.

O SR. JOURDAIN

A minha fé! Que eu ignorava tudo isso.

COVIELLE

E o que há de mais vantajoso para Vossa Excelência é que ele está apaixonado por sua filha.

O SR. JOURDAIN

O filho do Grão-Turco?

COVIELLE

Sim, senhor; e quer ser genro de Vossa Excelência.

O SR. JOURDAIN

Meu genro, o filho do Grão-Turco!

COVIELLE

O filho do Grão-Turco, genro de Vossa Excelência. Quando fui visitá-lo, como lhe conheço perfeitamente a língua, pusemo-nos a conversar; e, depois de tocarmos em outros assuntos, disse-me êle: *Acciam croc soler ouch alla mustaph gidelum amanabem varabini oussere carbulath*⁶⁰, que quer dizer: “O senhor não conhece um formosa jovem, filha do Sr. Jourdain, fidalgo parisiense?”

O SR. JOURDAIN

Diz isso de mim o filho do Grão-Turco?

COVIELLE

Diz. E como eu lhe respondesse que conheço particularmente a Vossa Excelência, e que já lhe tinha visto a filha: “Ah! disse-me êle, *marababa sabem*”; isto é, “Ah! como estou apaixonado por ela!”

O SR. JOURDAIN

Fêz muito bem em dizer-mo, pois, quanto a mim eu jamais acreditaria que *marababa sabem* quisesse dizer: “Ah! como estou apaixonado por ela!” Que língua admirável é êsse turco!

COVIELLE

Mais admirável do que se possa imaginar. Sabe Vossa Excelência o que quer dizer *cacaracamouchem*?

O SR. JOURDAIN

Cacaracamouchem? Não.

COVIELLE

Quer dizer “Minha querida alma”.

O SR. JOURDAIN

Cacaracamouchem quer dizer “Minha querida alma”?

COVIELLE

Quer.

(60) Êsse turco é fantasia pura. *Ouch alla* já se encontra no *Sicilien*, cena VIII. Outras palavras são tiradas de *La Soeur*, de Rotrou, Ato III, cena VI.

O SR. JOURDAIN

Que coisa maravilhosa! *Cacaracamouchem*, “Minha querida alma”. Quem seria capaz de dizê-lo? Isso me confunde.

COVIELLE

Finalmente, para concluir a minha embaixada, o filho do Grão-Turco vem pedir a Vossa Excelência a mão de sua filha; e para ter um sogro à sua altura, que fazer de Vossa Excelência um *Mamamouchi*⁶¹, que é uma espécie de alto dignitário na terra dêle.

O SR. JOURDAIN

Mamamouchi?

COVIELLE

Sim, *Mamamouchi*; isto é, em nossa língua, Paladino. Paladino, são aquêles antigos... Enfim, Paladino. Não há nada mais nobre do que isso no mundo inteiro, e Vossa Excelência estará equiparado aos maiores fidalgos da terra.

O SR. JOURDAIN

Muito me honra o filho do Grão-Turco, e eu rogo ao senhor que me leve à casa dêle para eu poder apresentar-lhe os meus agradecimentos.

COVIELLE

Não é preciso, pois êle virá aqui.

O SR. JOURDAIN

Êle virá aqui?

COVIELLE

Virá, sim, Excelência, e trará todo o necessário à cerimônia.

O SR. JOURDAIN

A isso é que chamo presteza.

COVIELLE

O seu amor não sofre delongas.

O SR. JOURDAIN

A única coisa que me preocupa é que minha filha, muito teimosa, cismou de unir-se a um tal Cléonte, e jura que não se casará com ninguém a não ser com êle.

(61) A palavra e a dignidade são pura invenção de Molière.

COVIELLE

Ela mudará de idéia quando vir o filho do Grão-Turco; de mais a mais, ocorre aqui uma coincidência maravilhosa, a saber, que o filho do Grão-Turco é parecidíssimo com o tal Cléonte. Acabo de vê-lo, mostraram-mo; e o amor que ela sente por um poderá transferir-se facilmente para o outro, e... Ouço-o chegar; ei-lo.

CENA IV — CLÉONTE, *vestido de Turco, com três pajens a carregarem-lhe a vestimenta*⁶²; O SR. JOURDAIN, COVIELLE, *disfarçado*

CLÉONTE

*Ambousahim oqui boraf, Iordina, salamalequi*⁶³.

COVIELLE

Quer dizer: “Sr. Jourdain, seja o coração de Vossa Excelência, durante todo o ano, como um roseiral florido”. São modos obsequiosos de falar na terra dêle.

O SR. JOURDAIN

Sou um humílimo servidor de Sua Alteza Turca.

COVIELLE

Carigar camboto oustim moraf.

CLÉONTE

*Oustin yoc*⁶⁴ *catamalequi basum base alla moran.*

COVIELLE

Diz êle “que o Céu lhe dê a fôrça dos leões e a prudência das serpentes”!

O SR. JOURDAIN

Muito me honra Sua Alteza Turca, e eu lhe desejo tôda a sorte de prosperidades.

(62) Segurando a cauda da sua comprida vestimenta oriental.
(63) Aqui se reconhece a saudação árabe “salam alaik”, a paz seja contigo.

(64) *Yoc*, negação turco-tártara.

COVIELLE

Ossa binamen sadoc ⁶⁵ *babally oracaç ouram.*

CLÉONTE

Bel-men ⁶⁶.

COVIELLE

Ele ordena a Vossa Excelência que vá sem demora preparar-se para a cerimônia, a fim de ver depois sua filha e concluir o casamento.

O SR. JOURDAIN

Tanta coisa em duas palavras?

COVIELLE

É, a língua turca é assim, diz muita coisa em poucas palavras. Vá depressa aonde ele quer, Excelência.

CENA V — DORANTE, COVIELLE

COVIELLE

Ha, ha, ha. Palavra que isto está engraçadíssimo. Que pateta! Se tivesse decorado o papel, não poderia representá-lo melhor. Ah! ah! peço-lhe, Sr. Conde, que nos ajude aqui num negócio que está acontecendo.

DORANTE

Ah, ah, Covielle, quem o teria reconhecido? Como você está amanhado!

COVIELLE

Está vendo? Ah, ah!

DORANTE

De que se ri?

COVIELLE

De uma coisa, meu senhor, que ele bem merece.

DORANTE

Como?

(65) Nome próprio hebreu.

(66) *Bel-men* significa, em turco, "não sei".

COVIELLE

Sou capaz de apostar que o Sr. Conde não conseguirá adivinhar o estratagema que empregamos junto ao Sr. Jourdain, para convencê-lo a dar a filha ao meu amo.

DORANTE

Não adivinho o estratagema; mas adivinho que não deixará de surtir efeito, sendo você o encarregado dele.

COVIELLE

O Sr. Conde me conhece.

DORANTE

Conte-me o que é.

COVIELLE

Faça-me a fineza de afastar-se um pouco, para dar lugar ao que vejo vir. Verá uma parte da história, enquanto lhe conto o resto.

A cerimônia turca para enobrecer o Burguez realiza-se com danças e música, e compõe o quarto intermédio.

O Mufti, quatro Dervixes, seis Turcos bailarinos, seis Turcos músicos, e outros tocadores de instrumentos à moda turca, são os atôres da cerimônia.

O Mufti invoca Maomé com os doze Turcos e os quatro Dervixes; trazem-lhe, em seguida, o Burguez trajado à turca, sem turbante e sem sabre, ao qual ele canta estas palavras:

O MUFTI ⁶⁷

*Se ti sabir,
Ti respondir;
Se non sabir,
Tazir, tazir.
Mi star Mufti:
Ti qui star ti?
Non entender:
Tazir, tazir* ⁶⁸.

(67) Lulli desempenhou esse papel com muita vivacidade.

(68) "Se tu saber, tu responder, se não saber, calar, calar. Eu ser Mufti: tu, quem ser tu? Não entender: calar, calar."

Pergunta o Mufti, na mesma língua, aos Turcos assistente: a que religião pertence o Burguês, e eles lhe asseguram que é maometano. O Mufti invoca Maomé em língua sabir⁶⁹, e canta as palavras que seguem:

O MUFTI

Mahametta per Giourdina
Mi pregar sera é mattina:
Voler far un Paladina
Dé Giourdina, dé Giourdina.
Dar turbanta, é dar scarcina,
Con galera é brigantina
Per deffender Palestina,
Mahametta⁷⁰ etc...

Pergunta o Mufti aos Turcos se o Burguês estará firme na religião maometana, e canta-lhes estas palavras:

O MUFTI

Star bon Turca Giourdina?

OS TURCOS

Hi valla⁷¹.

O MUFTI, dança e canta estas palavras:

Hu la ba ba la chou ba la ba ba la da.

Respondem os turcos os mesmos versos.

O Mufti propõe dar o turbante ao Burguês, e canta as palavras seguintes:

O MUFTI

Ti non star furba?

OS TURCOS

No, no, no.

(69) A língua sabir é uma algaravia que se fala nas costas do Mediterrâneo, mistura de espanhol, português, italiano, maltês (há quem lhe acrescente o árabe e o francês). Era a língua diplomática em Tunes, e foi lá que a aprendeu o Cavaleiro d'Arvieux.

(70) "Maomé, por Jourdain, eu rezar tarde e manhã, querer fazer um paladino de Jourdain. Dar turbante e dar cimitarra, com galera e bergantim, para defender Palestina."

(71) "Ser bom turco Jourdain?" — "Por Deus o afaço."

O MUFTI

Non star furfanta?

OS TURCOS

No, no, no.

O MUFTI

Donar turbanta, donar turbanta⁷².

Repetem os Turcos tudo o que disse o Mufti para dar o turbante ao Burguês. Cobrem-se o Mufti e os Dervixes com turbantes de cerimônia, e apresenta-se o Corão ao Mufti, que procede à segunda invocação com todos os demais Turcos assistentes; terminada a invocação, dá a espada ao Burguês e canta estas palavras:

O MUFTI

Ti star nobilé, é non star fabbola.

Pigliar schiabbola⁷³.

Os Turcos repetem os mesmos versos, empunhando todos o sabre, e seis dentre eles dançam em torno do Burguês, ao qual fingem golpear várias vezes.

O Mufti ordena aos Turcos que esbordoem o Burguês, e canta as palavras que se seguem:

O MUFTI

Dara, dara,
Bastonnara, bastonnara.

Repetem os Turcos os mesmos versos e dão-lhe diversas bordoadas em cadência⁷⁴.

Depois de o mandar espancar, diz-lhe, cantando, o Mufti:

(72) "Tu não ser velhaco? — Não, não, não. — Não ser tratante? — Não, não, não. — Dar turbante, dar turbante."

(73) "Tu ser nobre, e (isto) não ser fábula. Tomar sabre."

(74) Em junho de 1704, depois de assistir ao Burguês Fidalgo, quando "se divertiu à grande", declarou o enviado de Trípoli que era preciso espancar o Sr. Jourdain na planta dos pés, depois de havê-los amarrado com uma corda e tê-los erguido para cima. A decência, porém, não permite ao teatro levar a tais extremos a preocupação com a côr local.

O MUFTI

*Non tener bonta:
Questa star ultima affronta*⁷⁵.

Repetem os Turcos os mesmos versos.

*Recomeça o Mufti uma invocação e retira-se depois da cerimônia com todos os Turcos, dançando e cantando com vários instrumentos à turca*⁷⁶.

ATO V

CENA I — A SRA. JOURDAIN, O SR. JOURDAIN

A SRA. JOURDAIN

Misericórdia! Que será isto, meu santo Deus? Que cara! O senhor deu agora para andar fantasiado? Acaso estamos no carnaval? Desembuche, homem de Deus, que significa isto? Quem o deixou nesse estado?

O SR. JOURDAIN

Vejam só a impertinente, falando assim a um *Mamamouchi!*

A SRA. JOURDAIN

O quê?

O SR. JOURDAIN

Sim, a senhora, agora deve respeitar-me, pois acabam de fazer-me *Mamamouchi*.

A SRA. JOURDAIN

Que história de *Mamamouchi* é essa?

O SR. JOURDAIN

Mamamouchi, estou dizendo. Sou *Mamamouchi*.

(75) "Não ter vergonha, esta ser a última afronta."

(76) A edição de 1682 dá uma versão mais desenvolvida e pitoresca da cerimônia.

A SRA. JOURDAIN

Que bicho é êsse?

O SR. JOURDAIN

Mamamouchi quer dizer, em nossa língua, Paladino.

A SRA. JOURDAIN

Bailadino! E o senhor está, porventura, em idade de dançar bailados?

O SR. JOURDAIN

Como é ignorante! Eu disse Paladino: é uma dignidade cuja cerimônia acabam de celebrar em minha honra.

A SRA. JOURDAIN

Que cerimônia?

O SR. JOURDAIN

Mamameta per Iordina.

A SRA. JOURDAIN

Que quer dizer isso?

O SR. JOURDAIN

Iordina quer dizer Jourdain.

A SRA. JOURDAIN

Jourdain, sei. E daí?

O SR. JOURDAIN

Voler far un Paladina de Iordina.

A SRA. JOURDAIN

O quê?

O SR. JOURDAIN

Dar turbanta con galera.

A SRA. JOURDAIN

Que é isso?

O SR. JOURDAIN

Per deffender Palestina.

A SRA. JOURDAIN

Mas que diabo quer êle dizer?

O SR. JOURDAIN

Dara dara bastonara.

A SRA. JOURDAIN

Que significa essa algaravia?

O SR. JOURDAIN

Non tener honta: questa star l'ultima affronta.

A SRA. JOURDAIN

E que quer dizer tudo isso?

O SR. JOURDAIN, *dança e canta.**Hou la ba ba la chou ba la ba ba la da*⁷⁷.

A SRA. JOURDAIN

Ai de mim! Meu Deus! Meu marido enlouqueceu.

O SR. JOURDAIN, *saindo.*Silêncio! Insolente, respeite o Sr. *Mamamouchi*.

A SRA. JOURDAIN

Onde será que êle perdeu a cabeça? Corramos a impedi-lo de sair. Ah, ah, aí está justamente o resto do nosso dinheiro⁷⁸. Só vejo desgraças de todos os lados.*(Sai.)*CENA II — DORANTE, DORIMÈNE⁷⁹

DORANTE

Sim, a Sra. Marquesa assistirá à coisa mais engraçada que se possa ver; e não creio que, no mundo inteiro, seja possível

⁽⁷⁷⁾ *Ele cai ao chão* (edição de 1734).⁽⁷⁸⁾ Fala como comerciante a Sra. Jourdain: "*Aí está o resto do nosso dinheiro*".⁽⁷⁹⁾ A volta de Dorimène e Dorante à casa do Sr. Jourdain é uma das mais berrantes inverossimilhanças do enredo da peça. Mas muito será perdoado a Molière em vista do triplô casamento que conseguirá realizar.

encontrar um homem tão maluco quanto êste. De mais a mais, urge procurar ajudar o amor de Cléonte, e apoiar-lhe a pantomima: é homem de bem e merecedor de que a gente se interesse por êle.

DORIMÈNE

Tenho-o em muito boa conta, e julgo-o digno de uma boa sorte.

DORANTE

Além disso, minha senhora, temos aqui um bailado que nos agradará e que não devemos perder; e eu preciso saber se a minha idéia dará certo.

DORIMÈNE

Acabo de ver magníficos preparativos, e estas são coisas, Dorante, que já não posso admitir. Sim, quero, afinal, atalhar as suas prodigalidades; e, para tolher o curso a tôdas as despesas que o vejo fazer por minha causa, resolvi desposá-lo imediatamente: é êsse o verdadeiro motivo, e tôdas essas coisas acabam sempre em casamento.

DORANTE

Ah! minha senhora, será possível que se haja persuadido a tomar a meu respeito tão doce resolução?

DORIMÈNE

Apenas para impedir que o senhor se arruíne; e, a não ser assim, bem vejo que, dentro em pouco, não lhe restará nem um tostão furado.

DORANTE

Quanto me penhoram os seus cuidados pela conservação dos meus bens! São inteiramente seus, assim como o meu coração, e dêles fará o uso que lhe aprouver.

DORIMÈNE

Farei bom uso de uns e de outros. Mas aqui vem vindo o nosso homem; o aspecto é admirável.

CENA III — O SR. JOURDAIN, DORANTE, DORIMÈNE

DORANTE

Sr. Jourdain, a Sra. Marquesa e eu viemos prestar homenagem à sua nova dignidade, e regozijar-nos com o senhor pelo

casamento que está concertando entre sua filha e o filho do Grão-Turco.

O SR. JOURDAIN, *após uma série de salamaleques à turca*

Desejo-lhe, Sr. Conde, a fôrça das serpentes e a prudência dos leões.

DORIMÈNE

Folgo muitíssimo em ser uma das primeiras a felicitá-lo pelo alto grau de glória a que o senhor se elevou.

O SR. JOURDAIN

E eu desejo, Sra. Marquesa, que floresça o ano inteiro o seu roseiral; fico-lhe imensamente grato pela participação de Vossa Excelência nas honras que me são prestadas, e muitíssimo me apraz vê-la aqui de volta para apresentar-lhe as mais humildes escusas pela extravagância de minha mulher.

DORIMÈNE

Isso não foi nada, e eu desculpo nela semelhante gesto; deve ser-lhe precioso o seu coração, e não é de estranhar que a posse de um homem como o senhor inspire alguns cuidados.

O SR. JOURDAIN

A posse do meu coração é uma coisa que lhe pertence inteiramente, Sra. Marquesa.

DORANTE

Como está vendo, minha senhora, o Sr. Jourdain não é dêsses que se deixam cegar pela prosperidade, e sabe, no meio de tôda a sua glória, distinguir ainda os amigos.

DORIMÈNE

É a marca de uma alma generosíssima.

DORANTE

Onde está Sua Alteza Turca? Gostaríamos, como seus amigos, de apresentar-lhe os nossos respeitos.

O SR. JOURDAIN

Ei-lo que se aproxima, e já mandei buscar minha filha para dar-lhe a mão.

CENA IV — CLÉONTE, COVIELLE, O SR. JOURDAIN etc.

DORANTE

Senhor, viemos reverenciar Vossa Alteza, como amigos do senhor seu sogro, e oferecer-lhe os nossos humildes préstimos.

O SR. JOURDAIN

Onde está o trugimão⁸⁰, para dizer-lhe quem são, e fazê-lo compreender as suas palavras? Verão que êle responde, e fala turco que é uma beleza! Olá! Aonde diabo foi êle? (*A Cléonte.*) *Strouf, strif, strof, straf.* Êste senhor é um *grande Signore, grande Signore, grande Signore*; e esta senhora é uma *grande Dama, grande Dama*. *Abi*, êle, senhor, êle *Mamamouchi* francês, e a senhora *Mamamoucha* francesa! Não posso falar mais claramente. Bom, aí vem o intérprete. Aonde vai o senhor? Não saberíamos dizer nada em sua ausência. Diga-lhe que o Sr. Conde e a Sra. Marquesa são pessoas de trato, que vieram reverenciá-lo, como meus amigos, e colocar-se às suas ordens. Verão agora como êle responde.

COVIELLE

Alabala crociam acci boram alabamen.

CLÉONTE

Catalequi tubal ourin soter amaloucham.

O SR. JOURDAIN

Estão vendo?

COVIELLE

Êle faz votos para que a chuva das prosperidades regue, sempre, o jardim das suas famílias!

O SR. JOURDAIN

Eu não disse que êle fala turco?

DORANTE

É admirável.

(80) Intérprete. A palavra vem do turco *tardjouman* (que também deu *drogmano*).

CENA V — LUCILE, O SR. JOURDAIN, DORANTE,
DORIMÈNE etc.

O SR. JOURDAIN

Aproxime-se, minha filha, e venha dar a mão a este senhor, que lhe faz a honra de pedi-la em casamento.

LUCILE

Oh! meu pai, como o senhor está vestido! Está representando alguma comédia?

O SR. JOURDAIN

Não, não é comédia, é um negócio muito sério, e o mais repleto de honras para você que se possa desejar. Aí está o marido que lhe dou.

LUCILE

A mim, meu pai!

O SR. JOURDAIN

Sim, a você; vamos, pegue na mão dele, e agradeça aos Céus sua felicidade.

LUCILE

Eu não quero casar.

O SR. JOURDAIN

Mas quero-o eu, eu que sou seu pai.

LUCILE

Não casarei.

O SR. JOURDAIN

Ah! quanta celeuma! Vamos, estou dizendo. A sua mão.

LUCILE

Não, meu pai, eu já lhe disse que não, que não há poder algum capaz de obrigar-me a aceitar outro marido senão Cléonte; e prefiro sujeitar-me a todas as violências a... (*Reconhecendo Cléonte.*) É verdade que o senhor é meu pai, que lhe devo a mais completa obediência, e ao senhor compete dispor de minha pessoa segundo a sua vontade.

O SR. JOURDAIN

Ah! encanta-me vê-la voltar tão depressa à noção dos seus deveres, e agrada-me ter uma filha obediente.

ÚLTIMA CENA — A SRA. JOURDAIN, O SR. JOURDAIN,
CLÉONTE etc.

A SRA. JOURDAIN

Como? Que é isto? Estão dizendo que o senhor quer dar sua filha em casamento a um mascarado?!

O SR. JOURDAIN

Mas não se há de calar essa impertinente? A senhora está sempre complicando as coisas com suas extravagâncias, e não há meio de ensiná-la a ter bom senso.

A SRA. JOURDAIN

Ao senhor é que não há meio de dar-lhe um bocadinho de juízo, e por aí vai de loucura em loucura. Qual é o seu intento, e que pretende fazer com esta reunião?

O SR. JOURDAIN

Casar nossa filha com o filho do Grão-Turco.

A SRA. JOURDAIN

Com o filho do Grão-Turco?

O SR. JOURDAIN

Sim, cumprimente-o por intermédio daquele trugimão.

A SRA. JOURDAIN

Não preciso de nenhum trugimão, e eu mesma lhe direi nas fuças que ele não levará minha filha.

O SR. JOURDAIN

Pela última vez: a senhora cala-se ou não?

DORANTE

Como, Sra. Jourdain, a senhora recusa uma tal ventura? Não aceita por genro Sua Alteza Turca?

A SRA. JOURDAIN

Por favor, Sr. Conde, mête-se nos seus negócios.

DORIMÈNE

É uma grande glória, que não se deve rejeitar.

A SRA. JOURDAIN

Minha senhora, peço-lhe também que não se preocupe com o que não lhe diz respeito.

DORANTE

É a amizade que lhe dedicamos que nos torna zelosos dos seus interesses.

A SRA. JOURDAIN

Dispensó-lhes perfeitamente a amizade.

DORANTE

A sua filha, no entanto, sujeita-se à vontade do pai.

A SRA. JOURDAIN

Minha filha consente em desposar um turco?

DORANTE

Sem dúvida.

A SRA. JOURDAIN

É capaz de esquecer Cléonte?

DORANTE

Que é o que não se faz para ser uma grande dama?

A SRA. JOURDAIN

Eu a esganaria com as minhas mãos, se ela fizesse uma coisa dessas.

O SR. JOURDAIN

Chega de falatórios. Digo que o casamento se fará.

A SRA. JOURDAIN

E eu digo que não se fará.

O SR. JOURDAIN

Ah! quanto estardalhaço!

LUCILE

Minha mãe...

A SRA. JOURDAIN

Vá-se embora, sua tratante.

O SR. JOURDAIN

Como? A senhora a maltrata porque ela me obedece?

A SRA. JOURDAIN

Sim; ela é tanto minha quanto sua.

COVIELLE

Minha senhora.

A SRA. JOURDAIN

E o senhor também, que me quer contar?

COVIELLE

Uma palavrinha.

A SRA. JOURDAIN

Não me interessa a sua palavrinha.

COVIELLE, *ao Sr. Jourdain.*

Excelência, se ela consentir em ouvir-me duas palavras em particular, prometo-lhe persuadi-la a concordar com a sua vontade.

A SRA. JOURDAIN

Não concordarei.

COVIELLE

Escute-me, pelo menos.

A SRA. JOURDAIN

Não.

O SR. JOURDAIN

Escute o homem.

A SRA. JOURDAIN

Não quero escutar.

O SR. JOURDAIN

Ele lhe dirá...

A SRA. JOURDAIN

Não quero que me diga nada.

O SR. JOURDAIN

Eis aí o que se chama uma mulher obstinada; que mal lhe fará escutá-lo?

COVIELLE

Escute-me, apenas; depois fará o que bem entender.

A SRA. JOURDAIN

Está bem! e então?

COVIELLE, *à parte*.

Há uma hora, minha senhora, que lhe estamos fazendo sinais. Não vê que tudo isto se preparou apenas para podermos ajustar-nos às fantasias de seu marido, que o estamos enganando sob êsse disfarce, e que o próprio Cléonte é o filho do Grão-Turco?

A SRA. JOURDAIN

Ah, ah.

COVIELLE

E que eu, Covielle, sou o trugimão?

A SRA. JOURDAIN

Ah! Sendo assim, capitulo.

COVIELLE

Mas faça de conta que não sabe de nada.

A SRA. JOURDAIN

Pronto, está feito, consinto no casamento.

O SR. JOURDAIN

Ah! todos agora se mostram razoáveis. A senhora não queria escutá-lo. Eu sabia perfeitamente que êle acabaria explicando o que é o filho do Grão-Turco.

A SRA. JOURDAIN

Explicou-me direitinho, e eu estou satisfeita. Vamos mandar chamar um escrivão.

DORANTE

Muito bem dito. E a fim de que a senhora tenha o espírito inteiramente desanuviado, Sra. Jourdain, e perca hoje todos os ciúmes que possa ter tido do senhor seu marido, nós nos serviremos do mesmo escrivão para casar-nos, a Sra. Marquesa e eu.

A SRA. JOURDAIN

Também consinto nisso.

O SR. JOURDAIN

É para enganá-la.

DORANTE

Convém distraí-la com essa simulação.

O SR. JOURDAIN

Bom, bom. Mande buscar depressa o escrivão.

DORANTE

E enquanto êle chega, e redige os contratos, assistamos ao bailado e divirtamos com êle Sua Alteza Turca.

O SR. JOURDAIN

Muito bem pensado: ocupemos os nossos lugares.

A SRA. JOURDAIN

E Nicole?

O SR. JOURDAIN

Dou-a de presente ao trugimão; e minha mulher, a quem a quiser levar.

COVIELLE

Agradeço a Vossa Excelência. E se fôr possível encontrar alguém mais louco, irei dizê-lo em Roma ⁸¹.

(Termina a comédia com um bailadozinho, já preparado.)

O BAILADO DAS NAÇÕES ⁸²

PRIMEIRA ENTRADA

Um homem vem distribuir os libretos do bailado, que logo é assediado por uma multidão de pessoas de províncias diferentes, que gritam em música para que lhes dêem, e por três Importunos, que êle encontra à sua frente.

(81) É um provérbio. Termina desta maneira *La Folle Gageure* de Boisrobert (1653): "Se alguém trapacear melhor, irei dizê-lo em Roma".

(82) *Le Ballet des Nations* foi levado separadamente por Lulli, em 1672, como prólogo de sua primeira ópera *Les Fêtes de l'Amour et de Bacchus*.

DIÁLOGO DAS PESSOAS

QUE EM MÚSICA PEDEM LIBRETOS

TODOS

*Para mim, senhor, para mim, oh! por favor:
Jogai um livro, um só, ao vosso servidor.*

O HOMEM DE SOCIEDADE

*Distingui-me, senhor, entre a gente que grita.
Um livro, ao menos um, para esta dama aflita.*

OUTRO HOMEM DE SOCIEDADE

*Olá! senhor, senhor, lançai-nos, com cuidado,
Alguns para este lado.*

MULHER DE SOCIEDADE

*As pessoas bem feitas
Não têm vez nesta sala: tudo são desfeitas.*

OUTRA MULHER DE SOCIEDADE

*Só se repartem livros, bancos e cadeiras
Às senhoras solteiras.*

GASCÃO

*Homem que os livros espalha!
Tenho o pulmão estragado
E todos me zombeteais;
Estou escandalizado
De ver nas mãos da gentilha
O que vós me recusais.*

OUTRO GASCÃO

*Sabeis com quem 'stais falando?
Dai um livrinho, é favor,
Ao "sor" Barão de Asbarat.
Parece que está mangando,
Não me conhece, o estupor,
Não teve essa honra por cá.*

O SUÍÇO

*Senhor dador de papel,
Por que tanta confusão?
Tenho a garganta revel
De tamanha berração,
Sem conseguir meu libreto.
Que diabo! Que farsa! Que espêto!*

VELHO BURGUEZ TAGARELA

*Disto tudo, francamente,
Estou mui mal satisfeito.
E é, sem dúvida, mal feito
Que minha filha,
Tão bonita, tão casquilha,
Por tanta gente adorada,
Inda não tenha, coitada,
Podido ler o livrinho
Pra conhecer direitinho
O bailado que se faz.
E que tôda a minha gente
Se amanha tão pròpriamente
Pra ficar assim de pé,
Aqui no alto da sala,
Co'a gente de Lantriguet⁸³.
Tudo isto, francamente,
É, sem dúvida, mal feito,
E estou mui mal satisfeito.*

VELHA BURGUESA TAGARELA

*Não posso mais de vergonha,
Sobe-me o sangue à cabeça
De ver o poeta pamonha,
Que não sabe o principal,
Fazer as coisas tão mal;
Qual!
É um brutal,
Um animal,
De dar tão pouca atenção
A uma môça gentil, ornamento essencial*

(83) Lantriguet é uma correção. A edição original de 1670 traz "Ventriguet". Entende-se geralmente: a gente de Tréguier, os caipiras (pois Lantriguet é o nome bretão de Tréguier).

*Do bairro do Palais-Royal,
E que, há dias, um barão
Tirou para o cotilhão.
Qual!
É um brutal,
Um animal,
Que não sabe o principal.*

HOMENS E MULHERES DE SOCIEDADE

Quanto bulício!

Santo Deus!

Que confusão!

Quanta desordem!

Que pavor!

Que barulhão!

O GASCÃO

Basta! não posso mais!

O OUTRO GASCÃO

Estou fulo da vida!

O SUÍÇO

Não se respira nesta salinha fedida!

O GASCÃO

Estou morrendo.

O OUTRO GASCÃO

Já perdi a tramontana³⁴.

O SUÍÇO

Quem me dera estar lá fora! Este calor dana!

VELHO BURGUEZ TAGARELA

*Vamos, querida,
Vamos embora;
Por minha vida,
Que está na hora.
Aqui nos dão*

*Pouca atenção.
Estou cansado,
Atarantado,
Arreventado,
Dêste danado
Desaguisado.
Vamos embora,
Que está na hora.
Se, porventura,
Der-me a loucura
De ir à procura
D'outra comédia,
D'outro bailado,
Quero morrer
Crucificado.
Vamos, querida,
Vamos embora,
Por minha vida,
Já está na hora,
Que aqui nos dão
Pouca atenção.*

VELHA BURGUESA TAGARELA

*Vamos, meu bem, vamos embora,
Vamos sair desta babel.
Ai quem me dera estar lá fora,
Que é de matar este aranzel!
Nesta balbúrdia eu vou morrer,
Vamos embora, espairescer.*

*A confusão que reina nas sacadas
Até parece, filho, a dos mercados;
Quero levar cinqüenta bofetadas
Se algum dia eu voltar a ver bailados.*

*Vamos, meu bem, vamos embora,
Vamos sair desta babel.
Ai quem me dera estar lá fora,
Que é de matar este aranzel!*

TODOS

*Para mim, senhor, para mim, oh! por favor:
Jogai um livro, um só, ao vosso servidor.*

(84) A tramontana é a estrêla polar. Cf. *Perder o norte.*

SEGUNDA ENTRADA

Dançam os três importunos

TERCEIRA ENTRADA

TRÊS ESPANHÓIS, *cantam* ⁸⁵.

*Sé que me muero de amor,
Y solicito el dolor.*

*Aun muriendo de querer,
De tan buen ayre adolezco,
Que es mas de lo que padezco
Lo que quiero padecer,
Y no pudiendo exceder
A mi deseo el rigor.*

*Sé que me muero de amor,
Y solicito el dolor.*

*Lisonxeame la suerte
Con piedad tan advertida,
Que me assegura la vida
En el riesgo de la muerte.
Vivir de su golpe fuerte
Es de mi salud primor.
Sé que etc.*

(Seis espanhóis dançam.)

(85) É Molière o autor d'esses versos espanhóis, cheios de preciosas agudezas. Eis aqui a tradução: "Sei que morro de amor, e busco a dor. Embora morrendo de desejo, depereço com tão bom aspecto que o que desejo sofrer é mais do que o que sofro; e o rigor do meu mal não pode exceder o meu desejo; sei que... — Lisonjeia-me a sorte com tão atenciosa piedade, que me assegura a vida no perigo da morte. Viver do seu duro golpe é o primor da minha salvação. Sei que... — Ah! que loucura é queixar-se do amor com tamanho rigor, do menino bonito que é todo doçura! Ah! que loucura! Ah! que loucura! — A dor atormenta o que se entrega à dor; e ninguém morre de amor senão o que não sabe amar. — Doce morte é o amor, com correspondência igual; e se hoje a gozamos, por que queres turbá-la? — Alegre-se o apaixonado e aceite o meu parecer; pois nisto de querer, tudo vai de se achar o jeito. — Vamos, vamos, festas! vamos, danças! Alegria, alegria, alegria! que isto de dor é fantasia."

TRÊS MÚSICOS ESPANHÓIS

*Ay! que locura, con tanto rigor
Quexarse de amor
Del niño bonito
Que todo es dulçura!
Ay! que locura!
Ay! que locura!*

ESPAÑHOL, *cantando*.

*El dolor solicita
El que al dolor se da;
Y nadie de amor muere,
Sino quien no save amar.*

DOIS ESPANHÓIS

*Dulce muerte es el amor
Con correspondencia yguar;
Y si esta gozamos o,
Porque la quieres turbar?*

UM ESPAÑHOL

*Alegrese enamorado,
Y tome mi parecer;
Que en esto de querer,
Todo es hallar el vado.*

OS TRÊS, *juntos*.

*Vaya, vaya de fiestas!
Vaya de vayle!
Alegria, alegria, alegria!
Que esto de dolor es fantasia.*

QUARTA ENTRADA

ITALIANOS

UMA CANTORA ITALIANA *apresenta a primeira narrativa, cujas palavras são estas* ⁸⁶:

(86) Os versos italianos são de Molière e de Lulli: "Com o peito armado de rigores, revoltei-me contra o amor, mas fui vencido com a presteza do raio ao mirar dois belos olhos. Ah! como um co-

Di rigori armata il seno,
 Contro amor mi ribellai;
 Ma fui vinta in un baleno
 In mirar duo vaghi rai;
 Ah! che resiste puoco
 Cor di gelo a stral di fuoco!

Ma si caro è'l mio tormento,
 Dolce è s' la piaga mia,
 Cb'il penare è'l mio contento,
 El sanarmi è tirannia.
 Ah! che più giova e piace,
 Quanto amor è più vivace!

(Após a ária da Cantora, dois Scaramouches, dois Trivelins e um Arlequim representam uma noite à maneira dos comediantes italianos, em cadência.)

(Um cantor italiano junta-se à cantora italiana, e canta com ela as palavras que se seguem:)

O CANTOR ITALIANO

Bel tempo che vola
 Rapisce il contento;
 D'Amor nella scola
 Si coglie il momento.

A CANTORA

Insin che florida
 Ride l'età,
 Che pur tropp'orrida
 Da noi sen vâ.

Os DOIS

Sù cantiamo,
 Sù godiamo

ração de gelo resiste mal a uma flecha de fogo! No entanto, tão caro me é o tormento, tão doce me é a ferida, que a pena é a minha ventura e sarar me seria uma tirania. Ah! quanto mais vivo é o amor, maiores encantos tem e maior prazer proporciona. — O belo tempo que foge leva consigo o prazer; na escola do amor colhe-se o momento. — Enquanto nos ri a idade em flor, a idade que prestes, ai de nós! de nós se afasta. — Cantemos, gozemos, nos belos dias da mocidade; o bem perdido não se recupera. Um belo olhar encadeia mil corações; doces são as suas feridas; o mal que causa é uma ventura. — Mas quando esmorece a gélida idade, a alma entorpecida já não tem calor”

Ne' bei dì di gioventù
 Perduto ben non si racquista più.

O CANTOR

Pupilla che vaga
 Mill'alme incatena
 Fà dolce la piaga,
 Felice la pena.

A CANTORA

Ma poiche frigida
 Langue l'età
 Più l'alma rigida
 Fiamme non ha.

Os DOIS

Sù cantiamo etc.

(Após o diálogo italiano, os Scaramouches e Trivelins dançam uma dança alegre.)

QUINTA ENTRADA

FRANCESES

PRIMEIRO MINUETO

DOIS CANTORES DO POITOU, dançam e cantam as palavras seguintes:

Ab! como é belo este arvoredó!
 Que lindo dia o Céu nos dá!

OUTRO CANTOR

O rouxinol canta em segredo
 Sôbre uma flor de manacá:

Tão belo dia
 Entre essas flôres
 Nos propicia
 Ledos amôres.

SEGUNDO MINUETO

Os DOIS, *juntos*
 Vê tu, *querida,*
 Junto aos rosais,
 Beijam-se unidos
 Os passarinhos,
 Sem ter na vida
 Outros espinhos
 Que os firam mais
 Do que o calor
 Dum suave amor
 Sem cicatrizes.
 São tão felizes!
 Neste verão,
 Ambos seremos,
 Se tu quiseres,
 Como êles são!

(Seis outros franceses chegam depois, galantemente trajados à moda do Poitou, três como homens e três como mulheres, acompanhados de oito flautas e de oboés, e dançam os minuetos.)

SEXTA ENTRADA

(Tudo isso acaba pela mistura das três nações, e os aplausos em dança e música de toda a assistência, que canta os dois versos seguintes:)

Que espetáculos tão lindos, quantos primores!
 Os deuses não terão satisfações maiores⁸⁷!

(87) Chegou-nos às mãos a partitura do bailado através de uma cópia manuscrita do musicista Philidor, cujo título reza: "O Burguês Fidalgo, comédia-bailado... feita pelo Sr. Lully, superintendente da música do Rei, e pelo Sr. Molière" (1).

O TARTUFO
 O U
 O IMPOSTOR

Tradução de
 JACY MONTEIRO